CEMPP POLITIKA-31-DE-JULHO_A-G_DE_AGOSTO_DE_1972_N-41

POLITICA A

Rio, de 31 de julho a 6 de agosto de 1972

Número 41 - Cr\$ 2,00

FUNDO CEMAP

DOCUMENTO

A AUTOCRÍTICA
DE MÁRIO
DE ANDRADE



CEMAP - HARRONC

POLITIKA koluna aberta



A Editoria

A ajuda que se ajuda

Efetivamente, o melhor negócio do mundo para os países ricos é ajudar os subdesenvolvidos. A ajuda externa cantada em prosa e versos tem as mais diversas formas e maneirismo de entrar no país necessitado e o negócio é tão bom que em Londres acaba de ser criada uma entidade de seguros para garantir a ajuda. A América Latina tem sido a maior beneficiada com a ajuda externa. O capital aqui entra com as mais diversas roupagens, desde o auxílio puro e simples, pagável em suaves e módicas prestações, com juros acima dos cobráveis normalmente pelos bancos internacionais, quando negociam ou emprestam a países ricos, até as inversões, que se constitui no mais rentável de todos, pois normalmente estas inversões são feitas com dinheiro do próprio país que recebe o benefício, através da captação da poupança interna e importação de maquinaria obsoleta e em desuso pela matriz, que muitas vezes, como fez a Willys do Brasil, desmontou uma fábrica velha de jipes em Toledo, Ohio, e a remontou em São Paulo.

Os países beneficiados financiam o investimento recebido e depois passam a exportar lucros das empresas que se instalaram com o seu próprio dinheiro, numa jogada que eufemisticamente se constitui apenas na importação de know-how a máquinas velhas. Por esse know-how é que os estrangeiros ganham fábulas, além dos lucros oltidos com a vendagem de máquinas que estavam relegadas nos galpoes da empresa que por estas bandas se instalam.

Querem um exemplo disso? A Petroquimica União. Captou dinheiro no Brasil, associou-se à Petrobr's e montou
uma fábrica de fertilizantes em Capuava,
São Paulo. Agora está produzindo adubos para o Brasil e lucros para o exterior.
A ITT, que vendeu seu material velho da
Companhia Telefônica Brasileira, avaliado por ela mesma em 18 milhões de dólares, e que reverteria para o governo em
1975 sem qualquer ôpus para o Tesouro
Nacional, em 1975, por 189 milhões de
dólares, num negócio meio nebuloso,
que a ITT explicou aos seus acionistas
norte americanos como o melhor do

mundo, pois ao final, com os juros pelo prazo para o pagamento final atingiria a 279 milhões. Pois bem, este dinheiro está sendo reinvestido aqui mesmo, em diversos negócios, como a indústria hoteleira, e os lucros estão sendo exportados.

Mas o negócio é tão bom, que na América Latina, em 1971, as remessas de lucro para o exterior atingiram dois tercos do deficit da balança de pagamentos da região. Os paupérrimos povos desta parte do mundo exportaram de juros e lucros nada menos que 2,83 milhões de dólares dos 4,19 bilhões que obtiveram em suas transações internacionais. Há melhor negócio no mundo que a ajuda? Realmente não deve haver melhor indústria que a indústria sem chaminés da ajuda. Ajudando os subdesenvolvidos os ricos não precisam temer coisa alguma, pois passam por pios e caridosos, não correm o risco de criar concorrentes e cada vez mais os pobres ficam como seus dependentes, solicitando moratórias.

A Comissão Especial da Organização dos Estados Americanos para a América Latina — CEPAL — divulgou suas cifras, e atraves delas ficamos sabendo que o Brasil registrou um desequilíbrio corrente externo, sem precedentes, de 1,37 bilhão de dólares. No entanto, a balança de pagamentos do Brasil, antes do financiamento de compensação, fechou com o maior superavit da região, 636 milhões de dólares, e sua liquidez monetária chegou a 1,746 bilhão de dólares no fim de 1971

O México remeteu 750 milhões de dólares em lucros de companhias estrangeiras, em 1971, seguido pela Venezuela com 680 milhões e pelo Brasil com 486 milhões de dólares. Resta perguntar: as entradas em 1971 foram, pelo menos, iguais às saídas?

Agenda

● POLITIKA denunciou, no número 39, a mensagem que o governador Raimundo Padilha mandou à Assembléia Fluminense, restaurando os privilégios dos chamados marajás (funcionários parentes de ex-governadores que recebem como ministros do Tribunal de Contas e não têm função específica no Estado). Eles tinham sido enquadrados funcionalmente pelo ex-governador Jeremias Fontes e mais uma vez caíram na disponibilidade permanente.

Na nota, dizíamos que o governador Padilha conseguiu impedir que a imprensa diária noticiasse, silenciada por razões que a própria razão conhece de sobra. Hélio Fernandes, muito justamente, em sua insuperável coluna Fatos e Rumores em Primeira Mão, na TRIBUNA DA IMPRENSA, protestou. Disse que também ele vinha denunciando os descalabros do Estado do Rio, mas a revisão o forçara Também a explicação não saiu. Como POLITIKA havia dito, mais uma vez a revisão conseguiu impedir

 Dos jornais: o Export and Import Bank acaba de colocar à disposição do governo brasileiro US\$ 300 milhões para financiar pequenas e médias empresas na compra de equipamentos, materiais, peças, produtos agrícolas e serviços de procedência norteamericana. Agora vejam só as sutilezas do Eximbank : (1) o Brasil importará, com financiamento, équipamentos, materiais, peças e produtos agrícolas, desde que sejam de procedência norteamericana. Senão, o financiamento já era. (2) Há, também, a importação de serviços, evidentemente norte-americanos. Sabem como é que isso se chama? Imperialismo tecnológico. É por estas e por outras que quando a gente lê o balanço de pagamentos do Brasil encontra a sigla servicos responsável pela remessa de milhões e milhões de dólares. Muita gente não sabia o que era. Agora está tudo explicadinho, tudo certinho. É a exportação norte-americana de know-how. Ou o imperialismo da tecnologia. A nova arma de empobrecimento dos povos subdesenvolvidos.

O ex deputado José Richa é o candidato do MDB à Prefeitura de Londrina e deve ganhar o

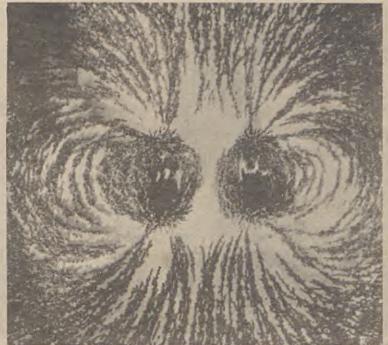
pleito. Foi candidato ao Senado em 1970, ganhou nos principais centros do Paraná mas perdeu nas pequenas cidades, onde o eleitorado obedece ao cabresto. Em Londrina enfrentará o deputado federal Mario Stam, da ARENA, engenheiro sem qualquer projeção no cenário político nacional ou mesmo paranaense.

- O novo eldorado cafeeiro, descoberto pelo Sr. Mário Penteado, depois de muitas elocubrações com o ex-governador Haroldo Leon Peres e o ex-secretário da fazenda de Moisés Lupion, João Ribeiro Júnior, se constituiu, agora, na maior tragédia para a cafeicultura paranaense. É que a zona de Cascavel, a eleita para ser o eldorado, é con siderada como o ninho de geadas, e os cafeeiros foram dizimados em mais de 85 por cento. O importante é que as plantações foram feitas com dinheiro do Instituto Brasileiro do Café, ou seja dinheiro do povo. Mário Penteado saiu do IBC, Leon Peres renunciou e o ex-assessor de Moisés Lupion, João Ribeiro Júnior, diretor e presidente ad hoc do IBC, estão aí, soltos e ri-
- O MDB mudou de estratégia para as eleições municipais de novembro próximo: vai concentrar todos os seus esforços nas grandes cidades. Acredita que junto ao eleitorado mais esclarecido tem chances de vitória, por isso vai empenhar todos os deputados federais, estaduais e senadores na campanha. A estratégia traçada é para que se consiga manter as prefeituras atuais e o número de vereadores, e, se possível, aumentar um pouco sua representação.
- Na Guanabara, o governador Chagas Freitas já se convenceu de que não consegue uma composição com a ARENA para prováveis alternativas políticas. Atribui-se a mudança de comportamento do governador à nova direção do diretório regional, que não quer nem conversar com os articuladores do governador, principalmente o deputado Waldomiro Teixeira, por ser bisonho e inábil. A ARENA quer faturar todos os erros de Chagas e para isso a conversa prejudica muito.

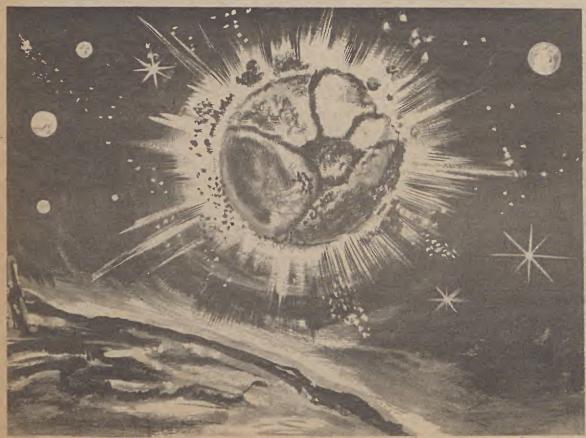
Sebastião Nery Exportar know-how é o negócio mais rentável para os países desenvolvidos e a nova forma de dominação dos povos que dependem dos outros







AROVA ARMA DE DOMINAÇÃO



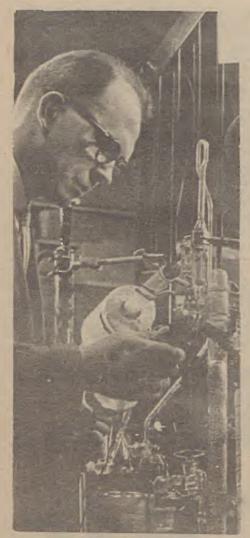
De repente, os países superdesenvolvidos descobriram que ainda havia uma possibilidade de aumentar suas vantagens nas relações comerciais com os subdesenvolvidos: a venda de know-how. Uma forma sutil e supermoderna de exploração: passaram a lançar, no mercado mundial, uma grande quantidade de produtos sofisticados, cuja técnica lhes pertencia. Os países chmados pobres, que refletem em sua população os estímulos do mercado internacional, passaram a ver que a produção necessitava de novas técnicas para satisfazer ao consumidor mais exigente. E só havia uma saída: importar tecnologia. E tanto isto é verdade que os rendimentos exteriores provenientes da venda de técnicas, nos Estados Unidos, entre os anos de 1957 e 1965 subiram 15,8%, para um dispêndio que cresceu apenas 13,6%. Somente no ano de 1965, no Balanço de Pagamenos norte-americano, o ítem referente à exportação de tec nologia apresentou um superavit de US\$ 1,92 bilhão, ao passo que o comércio tecnológico das empresas americanas apresentava-se com saldo positivo de US\$ 235 mil. E o pior é que inúmeras destas técnicas são pesquisadas, descobertas e aprimoradas nos países subdesenvolvidos, nas áreas privadas, sem que os governos possam, dadas as facilidades de uma legislação obsoleta, fazer qualquer coisa para impedir a evasão de riquezas - econômicas e técnicas. Este trabalho de Sebastião Nery mostra, com dados e fatos, esta nova faceta da explicação dos subdesenvolvidos. (A





Há, hoje, um estranho paradoxo nas relações comerciais entre os países, que só tem solução pelo deslocamento do eixo de interesses, em fatos políticos.

A NOVA ARMA DE DOMINAÇÃO





O atual sistema de desenvolvimento requer esforços na geração tecnológica

O sistema do privilégio nas relações comerciais entre as nações é tão antigo quanto as sociedades dentro das quais ele se desenvolveu. Na época do mercantilismo, as nações mercadoras mal remuneravam os países produtores, em benefício de maiores dotes para seus ofícios intermediários. Com as indústrias, os países empresários garantiram o monopólio da sua condição de criadores de bens, com a importação de seus produtos acabados e com a importação de matéria-prima dos países menos desenvolvidos.

Asseguraram, com isso, mercado para seus produtos. Até as chaminés, portanto, volumes crescentes nas exportações de manufaturados, eram o indicador mais precioso para avaliar-se o crescimento do poderio de uns e o crescimento da dependência de outros. As nações desenvolvidas exportavam seus manufaturados e os países subdesenvolvidos exportavam produtos primários e importavam os bens industrializados.

Em 1972, se aquele indicador ainda mantivesse sua precisão, uma transformação bastante violenta nas trocas internacionais poderia estar se processando. O volume das exportações de manufaturados dos Estados Unidos para a América Latina tem decrescido a uma taxa aproximada de 20%, nos últimos anos. Fato que poderia revelar um maior equilíbrio nas relações entre os países - os EUA, exportando menos, estimulariam um crescimento industrial autônomo mais rápido nos países subdesenvolvidos. Ao lado de índices mais favoráveis nas balanças comerciais entre as nações pobres e os senhores da abundância.

Sucede, porém, que o velho indicador do poder econômico, perdeu a sua significação, o que afasta também as nossas suposições otimistas. Não se trata mais, para as superpotências, de cativarem mercados para os seus produtos industriais finais acabados ou de monopolizar a sua comercialização. Tratase, agora, de manter o monopólio sobre as próprias formas de conceber, desenhar e projetar o produto industrial, de modo mais eficiente possível, assegurando os menores custos e a maior produtividade.

O que se pretende, portanto, é o monopólio da criação tecnológica, mantendo inacessíveis as fontes de conhecimento das técnicas de ativação dos mais modernos métodos de processamento industrial. A importância desta modificação deve estar clara. O desenvolvimento industrial das grandes potências tem uma limitação física — a de seus territórios. O que vale dizer que, mais cedo ou mais tarde, a ocupação industrial teria que alargar seus braços e tocar outras regiões. Por uma questão de sobrevivência do sistema. De outra parte, seria preciso também perpetuar as relações de dominação sobre as nações menos desenvolvidas, poder que é igualmente vital para o futuro dos capitalistas. O estranho paradoxo só pôde ser resolvido pelo deslocamento do eixo de interesses no qual se decidem as questões do poder político: desenvolvimento industrial não é mais sinônimo de desenvolvimento autônomo e nacionalista, uma vez que a passagem à autonomia se faz agora em um outro nível, o da capacidade de gerar tecnologias que garantam a contínua eficiência do processo industri-

É em torno desta capacidade que se agrupam os países desenvolvidos e independentes e os subdesenvolvidos e dependentes. Como a monopolização das formas de concepção do produto industrial não é fruto de uma decisão egoísta, mas resultado do processo de desenvolvimento econômico em termos internacionais, é preciso explicar este último para esclarecer a primeira. Isto pode ser feito através da análise de um exemplo precioso - a política econômica internacional adotada pelo governo dos Estados Unidos em relação aos países subdesenvolvidos e à América Latina em particular.

A competição entre as grandes potências capitalistas — Estados Unidos, Alemanha e Japão — deixou de se fazer em torno dos montantes de manufaturados exportados. Passou a ser feita através da instalação de filiais em quase todos os países do mundo. Para isto, que muitos pensam ter sido um fenômeno espontâneo, o governo america-

no traçou uma verdadeira política de fixação, que obedecia a uma série de diretrizes.

1 — As empresas americanas no exterior deveriam ser operacionalizadas à base de recursos de giro e financiamentos, obtidos nos países que as recebessem.

2 — As subsidiárias deveriam funcionar como captadoras de informações a respeito das novas invenções industriais, alimentando suas matrizes com um acompanhamento perfeito das pesquisas, para fins industriais, que se desenvolviam nos quatro continentes.

Esta necessidade de ocupar os espaços econômicos importantes, pela instalação de filiais de suas grandes empresas, se ajustou como uma luva a uma ilusão muito difundida entre os países do Terceiro Mundo, àquela época. Os governos regionais, principalmente os da América Latina, acreditaram que a instalação em seus países de grandes firmas internacionais seria o único móvel acelerador de desenvolvomento. Toda uma legislação protecionista e acolhedora dos capitais estrangeiros foi formulada, assim como se abriram amplas perspectivas quanto aos níveis de remessas de lucros.

A força desta suposição e seus efeitos foram devastadores para os países subdesenvolvidos: as vendas das empresas americanas subsidiárias na América Latina subiram em quase 300% nos últimos dez anos e a taxa de crescimento industrial nestes países é quase determinada pelo ritmo de expansão das grandes empresas estrangeiras de manufaturados. (A imperiosa necessidade de que as firmas internacionais participem do nosso esforço de exportação, para que ele se torne viável do ponto-de-vista dos padrões exigidos pelas concorrências internacionais, é uma prova disto.)



A NOVA ARMA DE DOMINAÇÃO O mais importante é que todo consumo brasileiro é baseado em padrões exteriores,o que obriga o empresário à compra de seus complexos geradores.



Somente através o entreguismo de dirigentes latino-americanos, os Estados Unidos dominam as manufaturas

As necessidades ocupacionistas dos americanos e concessões entreguistas de muitos governos da América Latina permitiram aos EUA o controle da produção mundial de manufaturados, pela importância de suas empresas filiais em todos os processos nacionais de crescimento. Este controle, no entanto, não satisfazia apenas ao sentimento ufanista dos americanos. Significava a manutenção dos preços nas trocas internacionais, nos níveis convenientes aos Estados Unidos impedindo a acumulação de excedentes nos países subdesenvolvidos que lhes permitissem o autofinanciamento de pesquisas industriais.

Com isso, de certa forma se fechava um ciclo: a grandiosidade do comércio entre as matrizes e as filiais americanas garantia os excedentes necessáriaos aos trabalhos de investigação tecnológica em base mundial e o fluxo de informações capaz de abastecê-los. O controle dos preços ao mercado mundial de manufaturados possibilitava aos EUA impedirem que outros países obtivessem os recursos necessários à tecnologia que significava negar chance para que algum outro país fizesse o mesmo.

A criação de tecnologia está, portanto, desde o início, ligada à manutenção do monopólio americano sobre este processo. E o espantoso progresso obtido neste campo nada mais é que a preservação desta racionalidade. Um só dono na pesquisa tecnológica. A eficiência do mecanismo está bem assentada. As filiais "nacionalizadas" compram a tecnologia a preços de mercado e, eventualmente, a vendem às suas matrizes em níveis muito baixo dos normais. Em 1965, os totais obtidos com essas vendas representavam três quartos dos ganhos dos

A capacidade acumulada de gegerar konw-how provocou uma mudança nos padrões das relações internacionais. A manutenção de relações de dependência entre as nações não se dava mais pela alocação controlada dos bens do capital necessários ao desenvolvimento industrial, mas pela separação entre exportação de equipamentos e exportação das técnicas para geri-los e opera-

EUA com tecnologia.



Há uma crescente sofisticação

cionaliza-los. Em exportação das técnicas para geri-los e operacionalizá-los. Em aos países subdesenvolvidos, mas a técnica que os concebia e que lhes dava vida econômica produtiva era cada vez mais inatingível.

A tecnologia, que antes era exportada incorporada ao preço dos bens de capital (cabia ao exportador de máquinas e equipamentos transmitir ao comprador local os conhecimentos técnicos necessários a sua instalação, oeração e manutenção), tornou-se uma mercadoria independente e extremamente valiosa. A complexidade crescente dos processos produtivos foi tamanha que simples instruções de manejo não bastavam. A prestação de serviços de engenharia e projetos de instalação de unidades industriais e a assistência técnica indispensável à operação das fábricas, em um ritmo ótimo de eficiência, e até mesmo a escolha dos equipamentos apropriados tranformaram-se em bens independentes, comercializáveis, protegidos por cireito de propriedade, e que implicavam em remunerações generosas para serem arrendados. Por isto, a desnacionalização das economias não se dá mais pela ocupação controlada dos seus setores industriais vitais, mas pela dependência em relação às fontes externas de suprimento das técnicas que tornam possível a eficiência produtiva.

Os números dos investimentos diretos realizados pelos países desenvolvidos na América Latina não mais refletem a dominação real que eles exercem. Isto porque os instrumentos de correção são agora mais invisíveis. Eles devem ser procurados nas cifras das remessas de lucros por utilização de patentes, nos contratos de assistência técnica, de licença para utilização de marcas, de prestação de serviços de engenharia e elaboração de projetos, e de plantas industriais.

A realidade e o peso daquelas cifras mostrarão como o tão emulado crescimento brasileiro autônomo, por exemplo, representa um passo definitivo em direcão à perda do poder nacional e à internacionalização de nossa economia. A desnacionalização afeta as empresas brasileiras de todos os portes. As pequenas e médias empresas são incapazes de superar o atraso tecnológico, porque a operação, em larga escala, da economia as torna quase marginais no processo produtivo, sem qualquer ligação com o mercado externo.

As firmas nacionais mais dinâmicas e que participam, por exemplo, da recente conquista do mercado mundial, superam, de certa forma, o atraso tecnológico, mas o fazem no sentido de acentuar a dependência das fontes externas de knowhow. O principal estímulo à pesquisa tecnológica são as variações nos hábitos do consumidor. A flutuação destes pressiona o sistema produtivo e este, por sua vez, dirige solicitações ao complexo gerador de know-how. Como os padrões do consumidor brasileiro são também importados dos centros mais desenvolvidos, no sentido da sofisticação crescente, e como as ligações com o mercado externo são fundamentais para o desenvolvimento, as empresas nacionais de grande porte também orientam sua modernização para a mais rápida absorção de tecnologias externas.



CEDEM 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28



Cria-se um círculo vicioso:a orientação da produção gera o consumidor típico, que dirige estímulos à produção, que tem necessidade de novas técnicas.

A NOVA ARMA DE DOMINAÇÃO

Tudo gira em torno de uma mecânica bem engendrada: o estímulo ao consumo

E estas representam, na realidade, a resposta mais precisa às necessidades dos mercados - interno ou externo - que elas procuram atingir. Forma-se, assim, um círculo mais ou menos vicioso: a orientação suntuária da produção cria um tipo de consumidor. Este consumidor dirige estímulos ao sistema produtivo no sentido da renovação das técnicas de fabricação. E a renovação é feita visando o atendimento dos padrões internacionais de consumo. Os sistemas produtivos das economias subdesenvolvidas não fazem senão sofrer esses impactos e reagir a eles pelo caminho inevitável: o da importação das tecnologias criadas de acordo com as necessidades dos países mais adiantados e que, estranhamente, por problemas de mercado, passam a ser também as suas.

Os números que comprovam a ascendência da nova mercadoria, a tecnologia, são fartos. Para os Estados Unidos, entre 1957/65 os rendimentos do exterior provenientes de venda de tecnologia cresceram 15,8% as despesas apenas 13,6%. Em 1965, o Balanço de pagamentos referente à tecnologia mostrava um saldo de 1 bilhão e 92 milhões de dólares.

O comércio tecnológico com empresas não americanas também deu superavit de 235 milhões de dólares. A taxa de expansão do saldo Balanço de Tecnologia cresce a uma ordem de 19,1%. A das remessas de lucros das filiais às matrizes, de 10,2% e, dentro de dez anos, persistindo este ritmo, os ganhos com tecnologia serão tão grandes que corresponderão a 18% dos totais obtidos com a exporta-

totais com remessas de lucros e a 55% das despesas que a própria indústria americana tem para criar

cão de manufaturados, a 69% dos

tecnología.

Antes de 1980, quase 30% dos gastos para geração de know-how estarão cobertos pelos saldos obtidos com a sua comercialização. Terá sido criada, então, uma nova sociedade industrial: o lucro com o comércio de tecnologia será capaz de sustentar o ônus da criação de know-how. O monopolio da técni-

ca estará definitivamente enfeixado na mão de alguns países e as nações subdesenvolvidas serão bem mais dependentes do que sempre o foram. A esse momento corresponderá uma reorganização das relações entre os países através de um fenômeno, do qual hoje já se sente o embrião: a desocupação industrial dos países desenvolvidos.

As grandes potências se desobrigarão, pouco a pouco, de suas funções de produtoras de manufaturados e transferirão suas unidades industriais para os países subdesenvolvidos, onde, como no caso do Brasil, a mão-de-obra é extremamente mais barata e é também mais módica a participação do salário na composição dos custos finais. Nos Estados Unidos, por exemplo, calcula-se que, até 1985, dos 100 milhões de trabalhadores em indústrias não restarão mais que 30 milhões. Esta estratégia de desocupação, seguida da exportação de toda a tecnolo, a necessária à instalação das novas unidades, já é visível nas relações entre o Japão e a Coréia e Taiwan. E começa nos negócios entre brasileiros e americanos, para os quais as palavras do presidente da Ford, Lee lacooca, em recente visita ao Brasil, são muito mais alucinativa: a Ford mundial estaria inclinada a seguir o exemplo de outros grandes grupos americanos que estão procurando concentrar seus parques industriais fora dos Estados Unidos, como é o caso da General Motors.

Assim como fizeram em relação aos comerciantes e à indústria, os países pobres terão que prestar homenagens e desta vez se avassalarem para sempre, diante de uma nova deusa: a tecnologia, elevada à categoria de mercadoria fundamental e de substância do capital.

Em termos técnicos, o mais importante é a observação de que a tecnologia se libertou da máquina e do bem de capital, a quem estava incorporada. E se transformou em mercadoria autônoma, ao mesmo tempo, portanto, meio e objeto de produção. O que vale dizer que ela é atualmente, e também em termos projetivos, o mais necessário fator de produção.

Em termos históricos, a valorização da tecnologia como instrumento indispensável à produtividade industrial coloca extremos frontalmente contraditórios em toda a evolução dos objetos e bens aos quais o trabalho do homem incorporou valor.

De início, o excedente criado pela apropriação do único instrumento de produção disponível - a força de trabalho do homem permitiu que os produtos de trabalho direto - o ferro, a ferramenta e, por último, a máquina industrial e o próprio capital - se consolidasse como fatores de produção aparentemente autônomos. (A teoria econômica clássica enumera, como fatores de produção, ao lado do trabalho, recursos naturais e capital). Trabalho, então, passou a opor-se a capital, como fator de produção. Quando, na realidade, este último não é senão o fruto da acumulação do primeiro. E socialmente a diferenciação entre trabalho direto e trabalho acumulado (produtos aos quais o trabalho direto incorporou valor) foi definitivamente esquecida em favor do alinhamento igualitário do trabalho com os outros bens a que ele tinha

Trabalho não cria a técnica

dado substância — modernamente chegou-se até a destacar a capacidade empresarial como o quarto fator de produção.

Com a tecnologia, a desvalorização do trabalho direto, em função dos produtos que ele tornou bens e que aparentemente são fatores de produção autônomos, atinge contornos extremos. Se levarmos por extensão ao absurdo a importância da tecnologia elevada à categoria de fator independente, poderíamos pensar numa sociedade que prescindisse do trabalho direto do homem, ou seja, do operariado.



E que produzisse com instrumentos que nada têm a ver com ele.

Aquele alinhamento igualitário que os economistas liberais têm se esforçado em tornar o fundamento da Ciência Econômica encontraria, com a libertação da tecnologia, a sua consagração irracional: não é o trabalho direto que cria a técnica, e não é o emprego de mão-de-obra que garante a produtividade industrial e social. Desaparece, portanto, o valor do trabalho direto, que, no início da história humana, era o único instrumento de produção.

Para o capitalismo, esta é a importância e a desgraça da tecnologia. Sem ela não se forma mais capital. Com ela se desvaloriza cada vez mais insuportavelmente a forca de trabalho do homem.



Hélio Silva O pangermanismo, denunciado por Graça Aranha, não chegou a ser levado em conta. Por isso, os alemães ameaçaram a nossa integridade territorial POLITIKA

7
espionagem





Oswaldo Aranha

A Quinta Coluna ameaçou o Brasil

A espionagem é tão antiga quanto o mundo. Nas guerras e mesmo na paz, indivíduos, organizações e países sempre empregaram elementos especializados para obter segredos de seu interesse. Na História Antiga ficou famoso o Cavalo de Tróia, que os gregos deixaram às portas da fortaleza inexpugnável e os ingênuos troianos levaram para dentro das muralhas, contentíssimos com o presente dos gregos. Mas, aí, trava-se uma operação de

O emprego da espionagem, organizada como um corpo de infiltração em território estranho, foi feito, pela primeira vez, na Segunda Guerra Mundial. E o Brasil conheceu o que se chamou a Quinta Colu-

Para compreender sua curiosa formação é preciso admitir, inicialmente, a filosofia do nazismo, baseada na pretensa superioridade de uma raça ariana. Dela resulta que os alemães, mesmo no estrangeiro, devem permanecer alemães, porque são diferentes, incapazes de assimilação. É e invade a Austria e a Tcheco-Eslováquia.

com essa teoria que o Reich considera os sudetes

Como foi, em relação

Vamos tentar resumir a gênese e a história da Quinta Coluna que operou em nosso País, antes e durante a Grande Guerra.

A denúncia foi feita, há muito tempo, pelo escritor Graça Aranha, prefaciando um livro famoso: O Plano Pangermanista Desmascarado,, de André Chéradame:

"O povo alemão não é somente um povo de rapina ad predam instigantes (Germano conserva na sua etiologia a raiz ger, rapace, gerfaut em francês, gerifalte em português, ave de rapina). É, também, povo-invasão."

O alarma de Graça Aranha não impressionou muita gente. Um plano de pangermanismo fora publicado, em 1895, por Tannenberg preconizando, em relação à América do Sul, que a Alemanha tomasse sob sua proteção as Republicas da Argentina, do Chile, do Uruguai e do Pa-

raguai, o terço meridional da Bolívia, na parte integrante do Rio da Prata, e a zona meridional do Brasil, onde "a cultura alemã domina".

A idéia de dominação sobre grande parte do Brasil não é, portanto, invenção do nazismo", enfatizou o então Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul, tenente-coronel Aurélio da Silva Py, em um trabalho que se tornou indispensável a todos os que desejem conhecer a ação da Quinta Coluna, no Brasil.

O nazismo, porém, se não inventou o pangermanismo, serviu-se dele. Quando Hitler chegou ao poder, em 1933, não descurou do plano de Tannenberg, Stresemann e todos os que preconizavam a conquista do mundo. A América tinha de ser subjugada até 1950.

O PROGRAMA DE HITLER

As atividades quanto ao Brasil datam de 1935, quando um grupo de brasileiros, de origem alemã, foi à Alemanha, com o objetivo declarado de dedicar-se a estudos profissionais.

Fundaram o Círculo Teuto-Brasileiro de Trabalho, constituído de 44 membros, dos quais 29 teuto-brasileiros, 13 alemães e 2 teuto-paraguaios. Tinha como dirigente o dr. Karl-Heinrich Hunsche e seus principais colaboradores Gerhard Dohms, Fritz Sudhauss, dr. Karl Oberaker, Gottried Dohms, Gottschaldt, todos eles brasileiros, nascidos no Rio Grande do Sul.

Aos membros do Círculo Teuto-Brasileiro, reunidos na Alemanha, como "delegados de uma nova geração teuto-brasileira, foi reservado resolver uma questão de relevante importância decisiva e que se estende, além de seu Círculo, sobre todo o grupo étnico alemão no Brasil". A questão relevante era a criação de uma comunidade étnica com igual conduta espiritual, inabalável em todas as questões fundamentais, que siga disciplinada a uma chegia e lute, num espírito de camaradagem mútua, mais rigorosamente sem tréguas,

pelos seus princípios básicos.

Os nazistas, por ordem de Goering, haviam organizado, em todo distrito brasileiro que comportasse um número suficiente de súditos alemães, unidades de combate, filiados às S.A. (Sturmabteilung) com a finalidade de uma anexação futura, do gênero do Sudeto. O governo hitlerista, ansioso por recrutar para sua causa todos os alemães do estrangeiro, encarregara a Gestapo de investigar as colônias alemães na América do Sul.

Para isso, desde 1935 agentes da Gestapo eram infiltrados nos serviços consulares. O nacional-socialismo procurava, de preferência, assegurar a simpatia dos jovens. Assim é que, entre mil e quatrocentas escolas estabelecidas no estrangeiro, desde 1933, contavam-se com mil cento e cinqüenta no Brasil.

Em fins de 1937, só no Rio Grande do Sul, havia cerca de três mil professores alemães.



cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 CEDEM 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28



A aventura integralista serviu para comprovar que todo o partido totalitário de direita criado fora do Reich tinha que cair no domínio da Gestapo

A Quinta Coluna ameaçou o Brasil

Ritter, embaixador alemão, foi descortês com Oswaldo Aranha, que o expulsou de seu gabinete no Itamarati

A ação nazista penetrou nas escolas primárias, colégios e paróquias, protestantes ou católicas, algumas instaladas no Brasil havia meio século e que funcionavam tranquilamente, antes da ascensão do Führer. Somente após a instalação do Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, com a instituição de um programa de instrução pública e de nacionalização do ensino é que passou a haver um choque entre as populações alfabetizadas e vinculadas à Kultur. Houve um grande esforço da parte do Ministério da Educação do Brasil para atingir a nacionalização das populações do Brasilianischerdeutschtum. Em 1936 a' juventude teuto-brasileira estava bem articulada no Sul do País, especialmente em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Também no setor religioso fazia-se sentir a influência nazista. Além da escola, da igreja, do esporte d eos círculos culturais, os nazistas recorreram a múltiplas organizações. Em todas elas funcionava um 'agente da Gestapo, cuja tarefa era espionar e intimidar. O chefe das células de espionagem era Hugo Müller, preso pela Polícia brasileira em 1938. Esse indivíduo residia em Porto Alegre havia muitos anos. Teve filhos brasileiros. De posse de credenciais comerciais, obtinha fácil acesso a repartições públicas. Tornou-se informante secreto do Partido Nazista. Mesmo após 10 de novembro não cessou sua atividade política. Quando preso, foi deportado para a Alema-

Os métodos adotados pelos nazistas no Brasil se assemelhavam aos postos em prática, com sucesso, na Áustria e na Checoslováquia, antes das respectivas anexações.

Chegavam à perfeição de não se falar o português, absolutamente, em muitas localidades.

Assim foi possível aos nazistas fazer sobreviver, clandestinamente, uma organização paramilitar, quando o golpe de 10 de novembro extingüiu os partidos políticos

"Até novembro de 1937, a ação nazi não havia passado do estágio de preparação pacífica e corruptora. O fruto não estava ainda maduro e, sobretudo, a situação internacional não se prestava a uma anexação ultramarina. Mas, uma vez que os nazis se viram obrigados a agir na sombra, não hesitaram mais em lançar os trunfos que lhes restavam nas mãos, empurrando para a revolta seus dóceis mercenários, os integralistas brasileiros. A interdição do Presidente Vargas obrigouos, assim, a passar à segunda fase do programa, a fase violenta e sanguinária. O complô foi tramado, em alguns meses, por mãos de mestre. Seu exame posterior traduziu, para todos, nos detalhes da conspiração, o espírito metódico e a habilidade maquiavélica dos alemães, mas os executantes integralistas jamais estiveram à altura da tarefa audaciosa e combativa que lhes foi designada, até que, em 11 de maio de 1938, ensaiaram a tomada de assalto de diversos estabelecimentos públicos e o assassinato do Presidente e de membros do seu governo. Uma vez abordado o putsch, o inquérito verificaria, facilmente, as provas do conluio entre nazistas e integralistas. Importantes firmas alemães, bancos, entre outras, fizeram-se distribuidoras de fundos e também de armas e munições. As cifras apuradas aqui e ali permitiram estimar em quatro milhões de dólares o total das subvenções e auxílios distribuídos sob o controle da Embaixada do

A aventura integralista — conclui Pierre Dahillotte, em seu estudo sobre a Gestapo na América do Sul — serviu para comprovar, uma vez mais, que todo partido de nuança totalitária de direita, criado fora do Reich, tem por destino vergonhoso a passagem, mais cedo ou mais tarde, para o domínio da Gestapo."

Confirmando esses conceitos, todo o mês de maio de 1938 a correspondência do Embaixador Ritter, no Brasil, com Ernest Weizsacker, Secretário de Estado do Reich, versa sobre o ataque ao Palácio Guanabara e suas repercussões. Em 16 do mesmo mês, Weizsacker, num memorando às missões diplomáticas alemães no Rio de Janeiro, Buenos Aires, Santiago e Roma, relata a falta de apoio do governo italiano às pretensões alemães no Brasil. Nesse sentido, o governo italiano não mostrara interesse algum em participar, numa ação conjunta, com a Alemanha. Em junho, o Embaixador Ritter informa Weizsacker e Bohle sobre a prisão de Kopp, dirigente da sociedade pró-nazismo Federação 25 de Julho. Era uma organização dos alemães nascidos no Brasil - Volksdeutche - para todo o território nacional. Seu nome homenageava os primeiros alemães chegados ao Brasil, em 25 de julho de 1824. Kopp era elemento intimamente ligado a Hans Mening von Cossell, Landesgruppenleiter para o Brasil. A Landesgruppe era um ramo do Partido Nazista, para atuar em países estrangeiros, controlada pela Divisão estrangeira do Partido Nazista. Era o sucessor de Herbert Guss na chefia do nazismo em nossa pátria. Em 22 de maio ele vai a Berlim conferenciar com Rudolph Hess, Ribentrop, o Ministro do Exterior e a Auslandsorganisation. Mais tarde volta ao Brasil como Adido Cultural à Embaixada.

Ritter nunca aceitou a informação de que Kopp tenha se suicidado e relata que Horn, da agência de notícias alemã Deutsches Nachrichtenbüro, propriedade do Ministério de Propaganda, lhe decla-

rara que Kopp se julgava ameaçado de morte. Havia tempos ele guardara, num cofre, duas grandes coleções de pastas de arquivos da Federação. Kopp mostrara a Horn dois documentos: um deles era um plano para uma nova revolta integralista a ser irrompida, dentro em breve, nos Estados do Sul do Brasil, em especial no Paraná. O outro era um esquema secreto para reorganização da mocidade teutobrasileira. Ritter temia que esses documentos tivessem caído em mãos da polícia brasileira.

Os nazistas tinham especial interesse pelo Rio Grande do Sul, por sua posição geográfica. No Institut für Auslands kunde, Grenz und Auslanddeutsch, de Leipzig, foi organizado um mapa da América do Sul com um demonstrativo das maiorias e minorias alemãs. Por ele podia-se verificar o número de cidades gaúchas com maioria alemã — Nova Hamburgo, São Leopoldo, Marcelino Ramos. Já não se tratava do perigo das minorias alemãs, pois em muitas localidades a minoria era de brasileiros.

Nos dias 28 e 29 de julho, a Alemanha convocou uma reunião de seus Embaixadores na Argentina, Brasil e Chile para examinarem a situação política na América do Sul, problemas relacionados ao comércio, ao germanismo, às escolas e associações alemães e à imprensa.

Pouco depois, o Embaixador Ritter

Pouco depois, o Embaixador Ritter foi à Alemanha participar de um Congresso do Partido, em Nuremberg. Em 21 de setembro, quando ainda se encontrava em Berlim, o governo brasileiro enviou nota ao Ministério do Exterior do Reich, considerando-o persona non grafa.

grata. Ritter chefiava, ostensivamente, a infiltração nazista no Brasil. Suas atitudes tinham criado vários incidentes. Ainda voltou ao Brasil. No dia 24 de maioo havia um baile no Itamarati em homenagem ao Chanceler do Chile, José Ramon Gutierrez, em visita oficial. O Embaixador alemão e os demais membros da Embaixada foram convidados. Ritter dirigiu-se ao Itamarati e declarou: "Em circunstâncias normais seria, naturalmente, um prazer para a Embaixada aceitar o convite". Porém, "não considerava apropriado para a Embaixada dançar num baile do Ministro do Exterior, enquanto cidadãos alemães se encontravam presos sob suspeita, inteiramente infundadas, de terem, de alguma forma, participado no atentado à vida do Presidente brasileiro e na revolta contra o Governo brasileiro.

Seguiu-se uma troca de palavras, no fim da qual o Ministro do Exterior declarou que, nesse caso, ele teria de instruir o Embaixador brasileiro em Berlim no sentido de não aceitar mais convite algum do Governo alemão. O embaixa-

dor alemão irritou-se com a resposta e retrucou, dizendo que não haveria necessidade de tais instruções, pois o Embaixador Muniz de Aragão não mais receberia convites do Governo alemão, enquanto as atividades do NSDAP estivessem proibidas no Brasil. "O Ministro pareceu um tanto desconcertado e colérico diante dessa comunicação" — foram as expressões do próprio Ritter ao relatar o fato a Ribbentrop. E pede que os membros da Embaixada do Brasil em Berlim não mais recebam convites do Governo do Reich.

Osvaldo Aranha, mais tarde, em conversa com o jornalista Barreto Leite Filho, completou o diálogo. Ao ouvir a resposta de Ritter, replicou, "o sangue quase fervendo": — "Neste caso, queira aceitar o último convite que lhe dirijo, que é o de se retirar imediatamente de meu gabinete."

"Nossa atitude — esclarece Osvaldo Aranha — obedeceu ao único propósito de afastar daqui um Embaixador cuja obra era contrária aos interesses comuns da Alemanha e do Brasil. Agora, porém, estamos verificando que a volta de Ritter, bem como a de Von Cossell, Conselheiro Cultural, e a de Willy Koehn, agente das Estradas de Ferro, como a vinda de outros elementos, obedeceram a um plano de ação no nosso país. Temos disto provas seguras. Ritter foi assassinado, em Paris, pelos maquis."

Os Estados Unidos tinham motivos para se preocuparem com as atividades germano-italianas na América do Sul. Durante o ano de 1938, em diversas repúblicas latino-americanas, várias medidas foram adotadas para repressão à infiltração do que se chamaria a Quinta Coluna. Foi esse o verdadeiro motivo de enviar dois cruzadores pesados para as águas brasileiras. Eles ficariam ao largo, ao longo da costa leste da América do Sul, durante os próximos meses. Aparentemente, viriam em missão de cortesia. de boa vizinhanca. Na realidade, a finalidade da viagem era sustar um possível levante, de influência nazista, nas fronteiras entre o Brasil, Uruguai e Argentina. O cruzador Wichita, comandado pelo Almirante Pickens, estava em Norfolk, na costa americana, quando teve ordem de zarpar para o sul, ao encontro do Quincy. O comandante de um dos cruzadores era portador de uma carta pessoal de Roosevelt ao Presidente do Uruguai. Este teria autoridade suficiente para ordenar, a qualquer um dos navios, medidas repressoras, como o bloqueio do Rio da Prata, bombardeio de cidades etc. Os Estados Unidos estavam convencidos de que era preciso agir com energia.



Hélio Duque





A civilização corrompe e destrói a cultura india

grito partiu do sertanista Antônio Cotrim Soares, de 32 anos, um dos mais experimentados do Brasil. Sua demissão da Fundação Nacional do Índio, onde serviu desde a criação e, anteriormente, ao Serviço de Proteção aos Índios, totalizando mais de 10 anos na região amazônica, serviu para mostrar a verdadeira face da política indigenista brasileira. Seu grito ecoou por todo o Brasil, servindo para mostrar a inadequação da atual política empresarialista que o órgão desempenha, aliando a outros fatores que patenteiam essa tese de Antônio Cotrim Soares: Nosso índio está morrendo

Paralelamente à denúncia de Cotrim, outro sertanista brasileiro, Orlando Vilas Boas, que se empenha atualmente em contactar os índios kreen-akores com os brancos, desabafava: Depois dos kreenakores vou-me dar ao trabalho de percorrer as universidades brasileiras para melhor explicar e definir a situação atual do nosso índio, essa diminuta ilha humana cercada de inimigos por todos os lados.

Quem fala é Cotrim:

1 - Eu não tinha mais

condições de dialogar com. a FUNAI. Como você vai se relacionar com os índios, o que se vai propor a eles, se todos os acordos e tratos que tínhamos feito foram violadaos pelo homem branco? A gente não tem mais jeito de propor nada, porque ali você é o representante dos brancos e tudo que o branco fez está contando. Depois que adquiri consciência, procurei não propor mais nada e sim apenas agir como conselheiro, orientálos na relação com os brancos, para que não confiassem abertamente na ilusão dos presentes. Tudo isso é um Cavalo-de-Tróia aqueles machados, facões, o motor, o avião que sobrevoa a aldeia, o sistema de rádio etc., tudo isso são formas de impacto, de desmoralização à cultura do índio. Eles acreditam que podem assimilar tudo aquilo, mas quando partem para adquirir aqueles bens materiais sofisticados, comecam a perceber que a sociedade exige muito em troca. O índio não acumula bens, o seu próprio sistema econômico não permite que ele acumule. O indio produz o suficiente para a sua sobrevivência e isso não significa incapacidade de atingir um alto nível de produtividade: primeiro que o branco nunca vai permitir que o índio atinja essa capaci-



Antônio Cotrin

dade de produção e o mais importante é que um indivíduo (no caso o índio) que vem da economia de subsistência, de autoconsumo, só trabalha o necessário para subsistir. E esse mesmo indivíduo, em contato com outro tipo de sistema econômico, não sabe que existe assim uma espécie de baleia que engole tudo, as oito horas diárias de trabalho. Acha que uma hora de trabalho (tempo suficiente para se ter o necessário para a subsistência) dá para obter todos aqueles bens de consumo que o branco está mostrando. Mas não dá. Um ponto importante é que é impossível se dar um salto da économia de subsistência para um tipo de economia mais elevado de uma hora para outra. Economia de subsistência é caça, pesca e alguma lavoura.

2 – O branco tem uma visão totalmente destorcida do índio. Como é que a gente pode saber o que ganhamos com a civilização se não sabemos o que perdemos com ela. As tribos estão num estágio muito primitivo ainda. Existe uma cultura, mas não existe uma civilização. Porque o que determina uma civilização é o avanço de sua

tecnologia. Não existe uma civilização apesar deles conservarem, com uma organização social e política, essas estruturas. Esse sistema de chefia, de poder centralizado, não existe entre os índios. Em alguns grupos do Brasil existe um sistema de hierarquia, mas nunca um sistema de classes de camadas de classes e divisões de classe. Um tipo de estratificação social nunca foi constatado em grupo nenhum, então não pode existir um sistema de liderança centralizado num cacique, num che-





O índio é, conscientemente, um nômade. Por isso, muitos são os encontros com os brancos, advindo daí choques, sempre provocados pelos civilizados

A civilização corrompe e destrói a cultura índia

Quando os brancos querem expulsar os índios, a FUNAI surge como aliada

Isso já é uma imposição da sociedade dominante. Eles utilizam um elemento que assimilou mais rápido nossos hábitos e costumes brancos, que se aproximou muito mais de nós e que nós sabemos que vai ser fácil manobrá-lo e utilizá-lo como instrumento intermediário naquela forma de relações. Com o tempo ele assume aquela posição de chefe, de líder. É prestigiado pelos brancos, recebe bens materiais muito mais elevados do que o resto da comunidade. Assim ele exerce a sua chefia, mas sempre como imposições do branco. Houve grupos no Brasil, os Aruaques por exemplo, que forçaram uma estratificação. Os Aruaques, de cultura mais avançada por causa da proximidade dos Andes (Incas), tiveram contatos com líderes de outros grupos. Esses contatos através de guerras, forçaram uma estratificação: os prisioneiros seriam os escravos, a escala intermediária seria a dos índios originados dos casamentos exogâmicos - casamento com índio de grupos aliados - e a outra, composta pelos índios de mesma origem grupal.

Deve-se respeitar o universo cultural do índio, porque é muito difícil para ele assimilar nossa civilização. Para isso é preciso uma série de conhecimentos que o índio não consegue assimilar. A imposição desses conhecimentos só marginaliza o índio. Eles têm muita coisa a ensinar ao branço, principalmente nas formas de comportamento social.

Na pedagogia, qualquer índio pode ensinar muita coisa, não é preciso que a gente ande lendo Summer Hill. Nunca vi uma índia ou um índio, pai ou mãe, espancar ou gritar ou repreender uma criança e nem ensiná-la. Ela aprende por si, vai absorvendo todos os conhecimentos por si. A divisão dos índios é feita por sexo e classes de idades. A mulher tem uma participação positiva nessa sociedade, apesar de que do ponto de vista político ela não toma parte em certas decisões. Mas ela influencia indiretamente a sociedade, porque representa uma força econômica.

Conscientemente, o índio é nômade. Como a sua atividade é extremamente extrativa, de tempos em tempos, ele realiza mudanças espaciais, para restabelecer o equilíbrio ecológico da área que habitou. Nessas mudanças, muitas vezes o grupo índio se encontra com atividades econômicas do branco. Como essas atividades são financiadas por grupos econômicos, são organizadas incursões. armadas contra eles. Mas quase sempre são incursões que fracassam, por causa da mobilidade do índio, do seu deslocamento, das suas retiradas e principalmente pelas reações deles que são violentas, além das expectativas do branco. Mesmo fracassando, os brancos são forçados a promover essas incursões armadas, para manter as suas atividades econômicas funcionando e como são muito dispendiosas, existe um órgão do governo chamado FUNAI que os ajuda. A FUNAI então organiza expedições chamadas de pacificação, termo injusto e parcial. Pacificar quem? Deviam era pacificar os grileiros e os grupos econômicos que invadem as terras dos índios.

No entender de Antônio Cotrim Soares, o fracasso da política indigenista brasileira, executada pela Fundação Nacional do Índio, se verifica quando tenta conciliar interesses. E nessa conciliação sempre sai favorecida a sociedade dominante. A FUNAl poderia, no seu entender, aproveitar a potencialidade desses recursos em benefício das comunidades indígenas, fazendo o índio participar do desenvolvimento nacional e esse aproveitamento se daria com a utilização da experiência dos índios, que são profundos conhecedores da fauna e da flora e têm uma farmacopéia riquíssima. Essa paricipação, acredita Cotrim, deve ser condicionada ao seu sistema de organização econômica, de trabalho comunitário. Violar esses princípios significa esfacelar todo o universo tribal. Sobre esse tipo de violação fala Antônio **Cotrim Soares:**

3 – Os Pacategés, da região de Marabá, no Pará, foram contactados - não gosto do termo pacificado, que parece parcial e injusto para o índio - pela FUNAI. Nos trabalhos de aproximação, os índios foram sendo submetidos economicamente, tornados dependentes, uma vez que fomos criando para eles novas necessidades de consumo, geralmente de bens supérfluos, como vestuários, espelhos, miçangas, armas de fogo. As ofertas de paz são um engodo. No primeiro ano, tudo é dado de presente. No segundo ano, eles são convidados muito naturalmente a ganharem esses mesmos bens, através da economia de mercado, do trabalho organizado para o qual não estão preparados. A experiência de trabalho da nossa sociedade é milenar e não pode ser transmitida de uma forma imediatista. Daí essa má fama de preguiçoso que o índio tem. Pura ignorância. Toda a organização tribal dos Pacategés foi afetada. A organização comunitária, as crenças, os laços familiares, a solidariedade tribal, as relações pessoais, tudo foi atingido. Estão acostumados a uma sociedade de bens comuns e passam a adotar o meu e o seu, o individualismo, sem poder conceber por que foram lançados dentro desse sistema. Acostumados a produzir apenas para a sua subsistência, não compreendem as novas relações de produção. Eles perdem as suas perspectivas históricas e vêm reclamar aos sertanistas que um dia vieram contactá-los. No meu caso não tive resposta. Se tivesse que dizer alguma coisa, procuraria justificar e, praticamente, reconhecer o engodo em. que eles caíram, com a minha colaboracão, inconsciente e involuntária.

SOLIDARIEDADE HUMANA

Profundamente inteligente, mostrando que o longo tempo, mais de 10 anos, em que praticamente só viveu na imensidão amazônica, Antônio Cotrim Soares, um dos mais importantes sertanistas brasileiros contemporâneos, afirma:

4 - Cada indigenista tem o seu método de trabalho. O Noel Nutels, tem o dele, o Vilas Boas o dele, o Meireles o dele. Eu no início segui o método Meireles, que é uma das pessoas mais experimentadas nesse campo, mas depois de uma certa prática na selva em contatos, procurei novas formas. O trabalho de Noel Nutels é um trabalho completamente diferente. Ela não é da FUNAI, é da SUSA - Serviços de Unidades Sanitárias Aéreas. Ele só faz trabalhos periódicos, tem tempo que ele passa três anos sem aparecer numa aldeia. Tem mais de 30 anos de serviços prestados, sempre no campo da Tisiologia (tuberculose). Faz cadastramento e tratamentos da doença. Todo esse trabalho dele é uma tentativa de erradicar a tuberculose, mas o próprio Noel reconhece o fracasso. Porque não existe uma infra-estrutura para prosseguir no trabalho. Faz o cadastramento, diagnóstica, e depois? Agora é que estão partindo para um trabalho de preparação de pessoal, com treinamento de cinco a seis meses para pessoas de nível médio. Depois do curso, parte-se para o trabalho, fazendo-se exames de escarros, testes, diagnósticos e tratamentos. Mas assim mesmo ainda não há estrutura: não existe alimentação. O problema agora é subnutrição. Tudo isso é problema sério para o Noel e ele tem fracassado em parte. O importante do trabalho dele é o humanismo e a solidariedade humana.

Manifesta Cotrim o seu ponto de vista de que é necessário que se deixe que os índios se desenvolvam em paz. E ele cita o exemplo do Xingu. Ali existiam 14 tribos distintas com 6 troncos de idiomas diferentes. Atualmente ninguém mais consegue identificar um grupo do outro. Eles passaram naturalmente por uma fase de violenta evolução. Um grupo oleiro -ceramista, transmitiu seus conhecimentos cerâmicos a todos os outros grupos e um grupo de hábil tecelões transmitiu o conhecimento de tecelagem aos outros, o grupo tecnologicamente mais desenvolvido contribuiu com sua língua que se tornou dominante, apesar dos outros grupos manterem ainda os seu idiomas inici-



Grileiros deviam ser pacificados

ais. E Cotrim cita o exemplo: O caso dos Kamaiorá, que impuseram sua língua para os outros. Isso se chama aculturação e assimilação. Na aculturação o índio não perde os seus valores. Na assimilação ele perde. E o duro é que o branco faz o índio perder os seus valores e não dá nada para substituir. Um dos grandes erros dos brancos é a falta de paciência. O índio tem o direito de se desenvolver conforme as suas necessidades, de escolher o que é necessário para ele, para o seu desenvolvimento. Há outra diferença: entre integração e alienação. O índio não consegue, digamos, se integrar com o branco porque no seu sistema social e econômico, todos os conhecimentos tecnológicos, culturais, de trabalho, de meios de produção - que são o arco, a flecha, o machado de pedra - são de acesso a toda a comunidade. E no sistema do branco não é assim. O índio vem a uma cidade e vê mil e um bens de consumo expostos nas lojas. Ele olha e não entende porque tudo aquilo não pode ser dele também, porque dentro de seu nível social, devia ter acesso a tudo aquilo, todos da comunidade deviam ter acesso àquilo. Então ele pergunta: por que? por que uns tem mais e outros têm menos? E para que tentar impor isso a ele, se nunca vai aceitar? Ele se submete mas não aceita nunca. Dessa maneira há um trauma psicológico. Perde os seus valores antigos e não consegue assimilar outros - os dos brancos. Destrói a sua cultura e não consegue substituí-la por uma outra.

CEDEM 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

A civilização corrompe e destrói a cultura índia

O índio não tem meios para se adaptar à civilização, pois sua experiência cultural faz com que ele não aceite o tipo de estratificação e a repele



A FUNAI tem um bom programa para os índios, mas não é capaz de executá-lo com intervenções insensatas

Porque a cultura que nós oferecemos ele não aceita e jamais poderá aceitá-la. As suas reações emocionais, a sua experiência cultural, tudo isso, nunca vão permitir que ele aceite um tipo de vida desse padrão, dentro do sistema de estratificação. Então ele pergunta prá gente: Por quê você tem mais e os outros tem menos? Por quê você dá ordens pra aquele outro? Por quê não podemos obter isso? E a gente fica sem saber o que responder, pois para ele tudo é de bem comum, tudo pertence à humanidade, ao homem. O branco diz: —somos bons, e depois o maltrata.

A POLÍTICA DA FUNAI

Quando pediu demissão da FUNAI, Antonio Cotrim Soares teve sua biografia publicada no boletim oficial do órgão, coisa inédita até então, como um dos grandes sertanistas brasileiros. Contudo ele recusou o elogio ratificando sua demissão, dizendo que não podia aceitar homenagens quando sabia que seu trabalho resultava apenas na morte de índios.

Sobre a ação da Fundação Nacional do Índio, seus equívocos e erros, Cotrim sentencia:

• 5 — Enumerar os principais

erros da política da FUNAI exigiria uma exposição mais longa. Enfoquemos apenas os de estrutura. Em parte, teoricamente, as diretrizes da política indigenista coincidem com os interesses tribais, identificando-se com os princípios básicos das convenções internacionais, das quais o Brasil é signatário, cujas resoluções têm sempre como temática: autodeterminação dos povos, com respeito à integridade física e cultural das minorias raciais. Entretanto, a estrutura da FUNAI não é capaz de executá-las; com intervenções insensatas, antes de tudo incoerentes em relação a esses princípios, procura justificar sua existência com adoções de medidas arbitrárias que violentam todo o universo tribal, favorecendo unicamente os interesses da sociedade envolvente, quando muito de uma insignificante minoria, entre esta os próprios interesses da FUNAI. Ressente-se para a aplicação desses princípios de uma infra-estrutura operacional, seja em recursos humanos ou materiais. O plano diretor que definiria o modelo prático para a atuação da FUNAI nunca foi elaborado, ficando simplesmente no campo das conjecturas. Enquanto isso, vemos, um órgão de funções especificamente assistenciais transformar-se em empresa mercantil, agência de emprego e outras atribuições antiindio. Nada menos de 90 por cento da sua dotação é destinada a manter o aparato burocrático, além de tudo inoperante. Dentro desse quadro percebe o divorciamento da FUNAI da problemática indigena. Quando se propõe

a solucionar casos isolados, intervém sempre de forma emergencial, seja no campo da saúde ou sócio-cultural, principalmente nas situaçõede fricção inter-étnica.

Na tentativa de conciliar os interesses das suas sociedades, os resultados são sempre desfavoráveis aos índios. Geralmente o que ocorre é a redução drástica do território tribal, quando não a sua perda total, sendo compulsoriamente transferidos para uma outra área em flagrante desrespeito ao artigo 198 da Constituição Federal. A violabilidade do território tribal imemorialmente habitado pelo grupo afeta todas as suas estruturas sócioeconômicas, além de remover o equilíbrio biótico, ocasionando dificuldades à sobrevivência da própria vida vegetativa. As resultantes da incorreta aplicação da política indigenista refletem negativamente em todas as esferas da vida tribal, quer do ponto de vista físico, quer do ponto de vista cultural. A sobrevivência das comunidades tribais não está apenas condicionada à atuação da FUNAI, mas também a nossa realidade sócio-econômica, portanto sujeitas dialeticamente às transformações históricas. Desde o momento em que os grupos tribais saem do seu isolacionismo mantendo relações com sociedades de níveis superiores à sua, está sujeita a mudanças. A história registra que a predominância cultural deriva da superioridade tecnológica, portanto, é historicamente impossível às sociedades simples competir com as sociedades tecnologicamente superiores. A nós caberia minimizar os choques ou mesmo tentarmos uma saída que permitisse, não absorção dos grupos tribais, mas a sua incorporação numa ordem mais ampla (comunidade nacional) conservando-se os padrões de valores compatíveis a esses novas relações, inclusive facultando-lhes o seu pleno desenvolvimento. São eles igualmente capazes de desenvolver sua cultura quando esta atua com a absoluta independência da sua herança cultural. A responsabilidade do governo brasileiro perante a humanidade é imensa. Cabendo-nos preservar um manancial de riquezas que hoje já está incorporado ao próprio patrimônio da humanidade. Diante dessa situação que nos compromete com o furor do próprio homem surge a criação de uma entidade preservacionista diretamente supervisionada pelo governo brasileiro, onde se conjugariam esforços multinacionais (tipo UNESCO). Esta entidade desenvolveria uma atividade preservacionista não estática, mas dinâmica, com o aproveitamento de todas as potencialidades desses recursos. Exirgir-se-ia para essa ação dinâmica funções muito disciplinares onde nossa ecologia seria estudada para seu aproveitamento racional em prol da hu-



manidade. Dentro desse conceito desenvolvimentista os interesses tribais seriam conciliados através da participação do próprio índio, cujos conhecimento da ecologia tropical seriam de grande utilidade. A sua capacidade de adaptação e de conhecimentos ecológicos é comprovado pela sua existência milenar. Suas possibilidades de contribuição são ilimitadas e impondo-se apenas à necessidade de se inventariar toda essa potencialidade de conhecimentos em uma atividade plenamente criativa, da qual eles venham a participar e usufruir dos resultados comuns.

Agora muda a tônica da sua fala quando aborda as práticas de matanças deliberadas das civilizações indígenas.

Eis o pensamento fiel, claro e honesto de um sertanista, dos maiores do Brasil, sobre a realidade da política indigenista brasileira. Antonio Cotrim Soares, não somente marcou um protesto com sua

atitude ao demitir-se da FUNAI. Marcou uma posição de um humanista que preferiu conhecer a dura realidade do indigenismo brasileiro na prática, sem se ater unicamente à pesquisa de gabinete. Seu ponto de vista é merecedor da maior atenção por parte do nosso Governo. Sobre a FUNAI, a sentença final de Cotrim é que emprega métodos empiva disso e que ate o momento nunca foi criado um plano diretor do órgão, contrariando a política do governo. Não existe uma metodologia de trabalho aplicada às peculiaridades de cada área. O que se aplica no Rio Grande do Sul, quer se aplicar no Pará e no Amazo nas. Os planos são feitos em Brasilia, são trabalhos de gabinete. Quando surgem bons projetos, como o de participação da FUNAI na abertura da Transamazônica, acabam sendo distorcidos na prática.



cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 CEDEM 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28



Filosofia bursátil

O pessoal encarregado de limpar a barra está cada vez mais inspirado. Semana passada, por motivos mais conhecidos que a mania brasileira da superioridade recordista, o superintendente da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, coronel Hugo Coelho, foi afastado de suas funções. Tudo legal, tudo dentro das normas éticas. Abraços, agradecimentos e deglutição de sapos sem fim. E no final, veio a explicação genial: a causa da divergência foi um insolúvel desentrosamento filosófico.



Editorial-I

O PADRE PODRE — Os apóstolos quase podiam ser contados nos dedos das mãos. Eram doze só. E um deles era Judas. Quando, na colina da Galiléia, estalou o beijo viscoso nascido do sorriso cínico, era chegada a hora do Filho do Homem. "Vieram e o levaram". E o mundo guardou para sempre, entre espanto, repulsa e nojo, a figura longa e sardenta de Iscariotes. Símbolo dos que traem. Dos que levam numa mão o abraço e na outra o punhal. Dos que repartem, na mesma face indivisível, o abrir do sorrir amigo e o cerrar do ódio enlouquecido.

Não tenho procuração para defender a Igreja. Não sei, sequer, se, solicitada, a receberia. Mas, neste canto de página, meu dever independe de procurações. Aqui se escreve o que penso e nada mais. Ou então não escrevo nada. Hoje, deixo os assuntos políticos e econômicos, seara desta roça de cada dia, para pedir aos leitores que não culpem a Igreja por causa de um padre podre, de um padre podre nadre.

de um pobre podre padre. Quando Leila Diniz morreu, deixando a este nosso tempo de angústia e desamor a lição da santa menina boa que fez do amor o dia-a-dia de sua vida e a dura lembrança de sua morte, não escrevi aqui uma linha sequer. O País já havia descoberto, de repente, no impacto da notícia estúpida, tudo o que de mais próprio se pudesse dizer sobre ela e que se resumia na evidência inesperadamente plantada em todas as manchetes e reportagens: aquela menina de sorriso límpido, carregando nos braços outra menina de bochechas gordas, era a imagem purificada de uma juventude que está aprendendo a pisar os velhos tabus cancerosos para buscar a felicidade no livre existir e no livre amar. Por isso em algumas horas ela transmudou de telegrama de morrer para símbolo de viver. O tempo já vinha ajudando, a

O tempo já vinha ajudando, a todos que muito a queriam, parentes, amigos e não amigos, a guardála no silêncio do depois. É quando chega de Curitiba a notícia de que um padre, hipoteticamente "ministro de Deus", foi para os jornais e televisão injuriar Leila com seu ladrajar canino e parabenizar a filha Janaina pela morte da mãe. Recebi o recorte do artigo anticristão e decidi não comentá-lo. Eu conhecia de sobra seu autor para não dever gastar espaço de jornal com um neurótico travesti vestido de preto.

Mas, o episódio cresceu por con ta própria. No Paraná, levantou-se uma onde de protestos. A TV Iguaçu fez um programa especial ouvindo a população. A biografia pública do padre podre apresentou dados tão escabrosos, que o "Jornal Nacional" da TV Globo, que tem convênio com a TV Iguaçu, recebeu "video-tape" e não o levou ao ar "em respeito à Igreja". E, no mes-mo "Estado do Paraná", onde saiu a infâmia, a colunista oficial do jornal - Yara Sarmento - respondeu em termos tão apropriados que eu não tenho condições de transcrever tópicos aqui, pois qualquer uma das revelações feitas pela jornalista sobre o padre podre chocaria os leitores além do que os bens costumes permitem.

O mais grave, porém, é que depois que "O Estado de São Paulo" e jornais do Rio comentaram o assunto, começam a chegar, de todos os cantos do País cartas da mais indignada repulsa, todas elas condenando a Igreja pelo episódio e responsabilizando a instituição (arcebispos, bispos e padres). Eu mesmo recebí várias, os leitores pedindo um pronunciamento desta coluna.

A todos quero lembrar, hoje, a sabedoria popular, quando diz que um cavalo não é a tropa. No caso, um cervo não é a floresta. Por incompreensível e inadimissível que tenha sido, até agora, o silêncio do arcebispo de Curitiba diante do fato (pois ele sabe, mais do que ninguém, a intensidade da repercussão no Estado e a absoluta falta de autoridade moral de quem o provocou), a verdade é que a Igreja não tem culpa da inversão psíquica e fisiológica do padre Emir Caluf.

Este é o nome da coisa. Aliás, do coisa. Em Curitiba é conhecido de sobra, desde os tempos dos cantos desertos do Instituto Santa Maria até os corredores escuros (quando escuros) da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica. Não interessa repetir o que a jornalista Yara Sarmento disse dele. Nem o que a TV Iguaçu levou ao ar. A jornalista e a TV fizeram bem, porque o povo de Curitiba não deveria confundir o padre Caluf com a Igreja. Mas, em termos nacionais, ele não vale uma missa de terceira.

Que culpa tem a Igreja, no seu todo, pelo fato de o padre Caluf se ter ordenado jesuíta e, como tal, feito voto de pobreza; e, no dia em que morreu o pai milionário, ter deixado a ordem dos jesuítas e se tornado padre secular para herdar a fortuna, que abrange, inclusive, o "Lord Hotel" e a "Loja Louvre" de Curitiba?

Que culpa tem a Igreja, como instituição, pelo fato de os alunos da Faculdade de Filosofia terem se rebelado e uma de suas turmas se haver negado a comparecer à solenidade de formatura por não consentir com a presença, na solenidade, do invertido professor, que vivia a atacar rapazes descuidados pelos corredores?

Que culpa tem a Igreja, como Igreja, pelos complexos do padre Emir Caluf, contra os leiteiros; contra estranhas lembranças do Irmão "Faísca" do Instituto Santa Maria; contra o professor Homero Barros que, por motivos de moral, lhe barrou a entrada na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Paraná, mesmo dispondo-se o padre Emir Caluf a lecionar de graça?

Que culpa tem a Igreja como entidade religiosa, de o povo de Curitiba estar exigindo do arcebispo a expulsão do padre Emir Caluf da diocese e correr a piada de que ele pediu licença para ir casar-se nos Estados Unidos?

A Igreja pode também ter culpa.

Mas é preciso sempre lembrar que
os 12 Apóstolos são apenas 11.

Judas é sempre Judas. Chame-se
Iscariotes ou Emir Caluf.

(Sebastião Nery, transcrito da TRIBUNA DA IMPRENSA)

Morte

Dos jornais: Valmir de Jesus Carvalho Meira, um jovem que foi internado por agentes de segurança no Hospital da Ordem Terceira da Penitência, na Tijuca, domingo passado, morreu anteontem, em conseqüência de hemorragia interna, provocada pela ruptura de diversos órgãos. Os médicos que o assis-

tiram negaram-se a dar o atestado de óbito, uma vez que não ficou devidamente caracterizada a causa dos ferimentos que o paciente apresentava. Precisa comentar ou explicar?

A atração da roleta

O Brasil está sustentando o mercado cambial da Argentina. Somente numa noite 4.808 brasileiros perderam nos cassinos de Mar del Plata um bilhão e duzentos milhões de cruzeiros, antigos, é claro. Os argentinos estão sorridentes e acham que a salvação da lavoura são os brasileiros sequiosos de aventura, da roleta. Consideram fato insólito que em pleno inverno 50 mil brasileiros - 35 mil por rodovia, 12 mil pela estrada de ferro General Roca e três mil por aviões - tenham invadido o balneário e já acreditam em milagre, pois jamais pensariam que os brasileiros, um dia, viessem a gastar tanto dinheiro na Argentina.

É, os ricos estão cada vez mais ricos e se dão ao luxo de despejar seus excessos nos cassinos de Mar del Plata. É um luxo, é um luxo, como diz o Dener, para não falar de outros.

Õ papel da bolsa

Em maio-junho-julho do ano passado, quando todo mundo, mas todo mundo mesmo, jogou e perdeu dinheiro nas Bolsas de Valores, os propagandistas do desenvolvimento brasileiro vinham aos jornais para explicar, cheios de ufanismo verde-e-amarelo, que a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro era, já, a primeira do mundo em volume de papéis negociados. E que a de São Paulo era a quarta. Muito bem. O tempo passou.

Em Londres, há três meses, o ministro Delfim Neto disse que as Bolsas de Valores do Rio e de São Paulo, em conjunto, representavam a segunda força mundial, em termos de Mercado de Capitais, pelo montante de títulos negociados. Muito bem, O tempo passou.

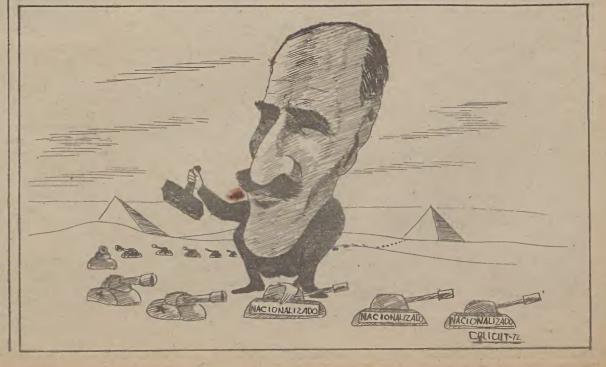
Semana passada, em Porto Alegre, o secretário-geral do Ministério da Fazenda, José Flávio Pécora, disse de seus temores ante o ingresso de capitais estrangeiros no Mercado de Capitais do Brasil, "especialmente porque o setor de Bolsas ainda é pequeno no País, se confrontando com os outros mercados estrangeiros". Muito bem. O tempo passou. E agora, uma perguntinha: será que em um ano e dois meses as coisas mudaram tanto? Ou nem só de propaganda vive o Mercado de Capitais? Por falar nisto, lembrem-se que as Bolsas vivem de papéis e de papel é feito o confete, de alegria efêmera e vida triste: sobe, encanta os que brincam com ele e, depois, cai ao chão, pisoteado por todos.

Afonso Arinos, onde estás?



Os escurinhos Ademir da Rosa Santos, Elizabeth Moura Sousa, Iolanda Moura Oliveira, Otácilio Rodrigues dos Santos e Elizeth da Rosa, todos ginasianos, dançavam satisfeitos ao som de Construção de Chico Buarque de Holanda, no clube campestre de Rosário do Sul, Rio Grande do Sul, quando os diretores, que haviam alugado o salão para a União Rosariense de Estudantes Secundários. João de Deus Ortácio e Olivério Kick, presidente e vice-presidente, interromperam a festa e interpelaram os jovens estudantes perguntando se não sabiam que ali não era permitida a presença de negros. Ameaçaram parar o baile, caso eles não se retirassem de imediato.

Os escurinhos sairam do baile para a Delegacia de Polícia, onde apresentaram queixa. Para felicidade deles, o delegado de Rosário do Sul, Francisco Alves da Cruz, é também preto e ficou indignado. Abriu, imediatamente, inquérito e afirma que vai acabar com o racismo. Enquadrou toda a diretoria do clube na Lei Afonso Arinos.





O ditador amado

A PINTORA GABRIELA DANTÉS INFORMOU À IMPRENSA QUE "ACABA DE CHEGAR DO PARAGUAI, ONDE FEZ OS RETRATOS DO PRESIDENTE ALFREDO STROESSNER E DE VÁRIOS MEMBROS DO MINISTÉRIO DE LÁ". E EXPLICOU:

- "SOMENTE SE AMANDO AS PESSOAS É QUE SE CONSEQUE RETRATA-LAS"

SERÁ QUE A PRIMEIRA DAMA DO PARAGUAI SABE DISSO?



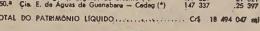
As 50 majores_



Estrangeiras				
Clas- cifica- ção Empresa	Patrimônio líquido (mil Cr\$)	Lucro liquido mil Cs\$		
3.ª Light Serviços de Eletricidade 8.º Cia de Cigarros Sousa Cruz 10.º Volkawagen do Brasil (*) 12.ª Rhodia – Inds. Qülmicos e Têxtels (*) 14.ª Cia Siderúrgica Belgo-Mineira 16.ª Pirelli S. A. — Cia. Ind. Brasileira 17.ª Cfà. Geral de Motores do Brasil (GM) (*) 21.ª Shell Brasil S. A. (*) 23.ª Esso Brasileira de Petróleo (*) 24.ª General Eletric (*) 26.º Ind de Pneumáticos Firestone (*) 27.º Refinaria e Expl. de Petróleo União 30.º Mercedes-Bera do Brasil (*) 31.º Cia. Susano de Papel e Celulose (*) 32.º São Paulo Algargatas 55.º Cia. Goodyear do Brasil (*) 36.º Texaco Brasil (*)	2 579 7 40 630 231 608 378 566 394 349 129 413 904 417 497 268 896 271 806 226 330 182 640 243 010 351 587 170 161 175 409 155 042 159 156	471 381 -204 239 99 751 96 747 99 '256 74 478 61 085 74 200 43 843 51 120 52 663 38 992 24 600 32 558 31 065 39 914 39 304		

Estatais

Clas- sifica- ogs	Empresa	Patrimônia Ilquido (mil Cr\$)	(mil Cr\$) Lucro
1.8 2.8 4.a 5.a 6.8 9.a 11.8 13.a 125.a 225.a 229.a 33.a 42.8 47.a 48.a 50.a	Petróleo Brasileiro S. A. — Petrobrás Centrais Elétricas de São Paulo Cla. Vale do Rio Doce Cia. Telefônica Brasileira Central Elétrica de Turnes (*) Cia. Siderúrgica Nacional Cia. Hidrafétrica do São Francisco (*) Centrais Elétricas de Minas Gorais Usinas Siderúrgicas Minas Gorais — Usiminas Cia. Paulista de Força e Luz Cia. Paranaense de Energia Elétrica (*) Cia. Paranaense de Energia Elétrica (*) Petrobrás Química S. A. — Petroquisa (*) Cia. Rio-Grand. de Telecomunicações (*) Centrais Elétricas de Goiás Cia. Aços Especiais Itabira — Acestia Cia. Siderúrgica Pauliste — Cosipa (*) Cia. Ge Água e Esgotos de Brasília (*) Cia. Ed Aguas de Aguas de Consbara — Cedag (*) Cia. Ge Água e Esgotos de Brasília (*) Cia. Ge Água e Esgotos de Brasília (*) Cia. Ge Águas de Guanabara — Cedag (*)	3 661 142 4 887 816 1 051 338 1 268 247 990 569 837 676 837 676 480 124 466 891 124 466 891 515 270 487 767 587 253 290 922 169 940 204 023 253 439 177 321 147 337	849 833 486 171 341 640 227 293 217 470 132-587 100 859 75 471 81 257 46 377 35 944 30 423 22 585 25 275 30 046 23 524 21 090 11 416 21 021





8,84	
Empresas nacionais privadas	
privadasi	
outras	

Nacionais privadas

Classifica- ção Empresa	Patrimôni liquido (mil Cr\$	líquido
15.8 Cla. Cervejaria Brahma* 19.8 S. A. Inds, Reunidas F. Matarazzo (*) 22.0 Construções e Com. Camargo Correla (*) 28.8 Cia. Cimento Portland Itaú 34.8 S. A. Indústrias Votorantim (*) 38.8 Cetenco — Engenharia (*) 41.8 Cia Docas de Sentos	309 48 759 35 274 66 204 57- 530 96 177 97- 160 02:	3 32 490 6 48 008 4 36 047 0 22 047 6 28 696

TOTAL DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO Cr\$, 2 618 792 mil

(*) Empresas sem ações trensacionadas em Bolsas de Valores Fonte: Revista Coniuntura Econômica (julho de 1971), da Fundação Gatulio Variates

(Transcrito do Jornal do Brasil)

O milagre da casa-própria

Milagre é um negócio muito perigoso. Quando o santo milagreiro não cura todos os males, logo é desmorali-Não adianta curar cegos, pernetas e manetas, porque se não tratar bem uma simples gripe, lá se vai toda a fé. É o caso do Plano Nacional de Habitação. Lançado em 1967, seus idealizadores prometeram o milagre de mutação do status habitacional brasileiro. Seriam quinhentas mil casas no primeiro ano, passando, já no segundo, a um milhão, até se conseguir a redenção da miserável condição habitacional da maioria do povo brasileiro. Mas o milagre não veio, Veio, sim, uma enorme e assustadora crise:

O setor cementeiro no Brasil apresenta evidentes sinais de crise de superprodução. Os dados sobre a evolução do mercado revelam que haverá um excedente até 1977. Daqui a três anos, a produção deverá ser de 18

milhões de toneladas, para um consumo de 11,5 milhões. A exportação do excedente significaria uma contribuição de apenas US\$ 20 milhões, mas isto é irrisório, sobretudo diante dos custos dos incentivos que precisariam ser concedidos. No caso da indústria cementeira, exportar não é, talvez, a solução. Esse problema afeta não só cerca de quarenta fábricas atuais como também as cinco de capital aberto com ações negociadas nas Bolsas de Valores. Todas realizam planos de expansão. Quem vai consumir esta expansão?

E sabem por que isto? As fábricas aumentaram sua

produção à espera do aumento da demanda, graças ao milagre habitacional. Que não surgiu. E agora é deixar como está para ver como é que fica. Ou procurar o autor do milagre e mostrar-lhe que nem só de promessas se faz uma indústria cementeira

Editorial-2

"É parte da dignidade do homem ser um participante ativo da vida social e econômica e não um mero espectador. As cooperativas agrícolas permitem aos agricultores desempenhar uma parte ativa na tomada das decisões que afetam seu trabalho e suas vidas. Mas é também parte da dignidade humana, de fato seu direito, juntar-se livremente a outros na formação de associações. Os trabalhadores rurais deveriam ter um senso de solidariedade entre si e deveriam unir-se para formar cooperativas e associações profissionais. Este é o caminho para que se encontrem com sua dignidade humana, muitas vezes perdida no desequilíbrio do crescimento econômico e nas injustiças sociais". (Papa Paulo VI, na mensagem aos participantes da Conferência Mundial sobre o Papel das Cooperativas Agrí-colas no Desenvolvimento Econômico e Social).

Editorial-3

"Não há quem não se espante com as recentíssimas estatísticas dos acidentes de trabalho no Brasil, divulgadas oficialmente pelo Ministério do Trabalho e relativas ao ano de 1971. Os acidentados foram exatamente 1.330.523 trabalhadores de Norte a Sul, sendo que somente no Estado de São Paulo, ao qual ca-be a triste primazia, subiram a 596.135. O espanto aumenta, ainda mais, quando se verifica que aquele total representa nada mais nada menos que 18% do operariado brasilei-ro acidentado em apenas um ano. As referidas cifras não negam, porem escondem uma realidade ainda mais trágica: muitos dos operários vitimados no trabalho, morreram deixando viúva e filhos ao desamparo e inúmeros outros ficaram inválidos para toda a vida. E um sem-número deles, se é verdade que não sofreram acidentes de maior gravidade e retornaram ao próprio serviço, contudo levarão consigo, por toda a vida, os sinais e traumas do sofrimento". ("O São Paulo", órgão oficial da Arquidiocese de São Pau-

0 mapa da mina

Jornal rico é assim mesmo, levanta os grandes problemas, faz estardalhaço, assusta as autoridades, depois se compõe. O JB é especialista nisso. Quando Negrão de Lima assumiu o governo da Guanabara, o jornal e a rádio da Condessa pegaram o bicho a unha. O iornal abria páginas inteiras denunciando o jogo do bicho, dava editoriais. A rádio JB noticiava as infrações dos bicheiros e as vistas grossas das autoridades.

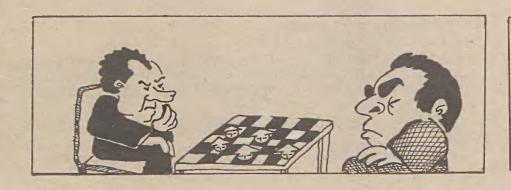
Quando a campanha estava no auge, fez-se o silêncio. Dizem que custou 6 bilhões, na época, 1966. Agora o JB levantou o pedido da diligência do Tribunal de Contas da União no DNER, por irregularidades. Ainda na sexta-feira havia uma matéria extensa sobre as irregularidades no DNER. No domingo passado, contudo, o silêncio. Ah, o silêncio não. A bem da verdade havia uma matéria de página inteira em que o engenheiro Elizeu Rezende, diretor-presidente do DNER, cantava loas à sua administração, sob o título: DNER gasta 12 bilhões para mudar o mapa.

Esse negócio de mudar mapa é bem estranho. Em tempo, a matéria paga do DNER saiu sem característica. Quem fica mal no caso? O JB ou o DNER?.



10 18 19 20 21 22 23 24 26 12 cm11





Coentro



AUTENTICOS E MODERADOS _ NA DÚVIDA PELA SUBSTITUIÇÃO DA LIDERANÇA



DEPUTADO DANIEL FARACO (ARENA-RS) - DIZ QUE O
DEBATE ÉMAIS IMPORTANTE QUE O VOTO; POIS
O VOTO É UMA ARMATMUITO PESADA.



Sebastião Nery





JICTÓRIAC DE ALÉM

Guilherme Figueiredo era o adido cultural do Brasil em Paris no governo Castelo Branco. Veio o governo Costa e Silva, foi substituído por Josué Montelo. Castelo deixou a Presidência, foi à Europa. Guilherme ainda não tinha voltado para o Brasil. Foram jantar juntos. Castelo perguntava coisas da embaixada:

- Dr. Guilherme, quem é o novo adido cultural?

- É o Josué Montello.

- Ah, sim. Aliás, desde o começo de meu governo ele queria vir para cá. Um dia, foi-me apresentado no Palácio das Laranjeiras pelo dr. Austregésilo de Athayde, presidente da Academia. Dr. Austregésilo tinha pedido uma audiência. Chegou com o dr. Josué e entrou logo no pedido. Ele alegava que a Academia Brasileira de Letras tinha sido criada à imagem e semelhança da francesa. Desde então, sempre foram muito fortes os laços acadêmicos entre o Brasil e a França. Por isso, achava que o adido cultural do Brasil em Paris deveria ser um acadêmico. E, em nome da Academia, pedia o lugar para o dr. Josué Montello que, além de acadêmico, era um aficionado da literatura francesa. Eu respondi que a argumentação era ponderável, mas o governo estava satisfeito com o seu trabalho e não desejava substituí-lo. Nunca mais ninguém me tocou no assunto.

Guilherme Figueiredo ficou calado, pensando. Castelo percebeu que havia alguma coisa mais:

- O sr. nunca soube disso, dr. Guilherme?

Não, senhor. E o surpreendente é que o Austregésilo de Athayde, além de velho amigo de minha família, é meu padrinho de casamento.

Já então quem ficou parado, calado, pensando, foi Castelo. Bateu o dedo na mesa, olhando para longe:

– Veja, dr. Guilherme, que terrível é a humanidade!

Gilberto Amado foi embaixador do Brasil no Chile. Criou um problema diplomático, teve que

sair. Perguntaram-lhe por quê:

— O país é muito bom. Mas não tem calado para Gilberto Amado.

3

Gilberto Amado voltou do Chile, ficou no Rio em disponibilidade, sem posto. Macedo Soares, ministro do Exterior, não o designava. Uma tarde, Gilberto conversava no bar Amarelinho, ali na Cinelândia:

- Qualquer dia desses, entro no Itamarati

com uma metralhadora debaixo do braço, vou ao gabinete do ministro e tatatatatatatá. Macedo para um lado e Soares para o outro.

4

Perguntaram a Gilberto Amado o que devia fazer um turista no Chile:

— Ir para Valparaíso. É magnífico. Eu chegava lá, pegava um apartamento para reis e príncipes, saía às seis da manhã acompanhado de meu vallet de chambre, deixava-o de pé na praia e ia andando mar adentro, até a água dar no pescoço. Era um infinito diante de outro infinito. Gilberto Amado e o Pacífico.

Lá pela década de 40, o poeta português Júlio Dantas veio ao Brasil e foi a Belo Horizonte. O prefeito era Otacílio Negrão de Lima, irmão de Francisco Negrão de Lima, daqui da Guana-

Júlio Dantas desceu na estação da estrada de ferro. Estava lá o mundo florido das autoridades, esperando-o. Não conhecia ninguém. Sabia apenas o nome do prefeito, doutor Negrão. Olha para um lado, para o outro, de repente abre os braços e se dirige rápido para o cordão solene das autoridades:

- Doutor Negrão, meu abraço.

Só que não abraçou Otacílio Negrão de Lima, o prefeito. Abraçou Melo Viana, senador, mulato retinto, quase preto.

Juracy Magalhães era embaixador dos Estados Unidos nos Estados Unidos, aliás, embaixador do Brasil nos Estados Unidos. Chegou o telegrama de Castelo Branco chamando-o para assumir o Ministério da Justiça. Naquele dia, havia um grupo de jornalistas brasileiros visitando Washington. Correram à embaixada para entrevistar o novo ministro.

Telegrama na mão, Juracy parecia menino de sapato novo. Mostrava o telegrama a todo mundo e cada um foi obrigado a ler em voz alta, "para sentir a importância do momento histórico". De repente, chega o fotógrafo. Juracy ia deixar seu retrato para a galeria dos ex-embaixadores. Começou a angústia. Como fazer a foto? Ele queria uma pose nunca dantes posada. O fotógrafo sugeria:

- Com a mão no peito, embaixador.

Não. Napoleão já tirou assim.

- Então, com a mão no bolso.

- Não quero. Olhe a foto do Joaquim Nabu-

co. Ele está exatamente com a mão no bolso.

De braços estendidos.

- Também não. O Amaral Peixoto, que está ali na ponta, já tirou com os braços estendidos.

Então, sem nada.

– Sem nada, como?

O rosto só, embaixador.

- E você pensa que meu rosto é nada?

O fotógrafo calou, bateu, saíu. Juracy está lá na galeria dos ex-embaixadores. A foto do nada.

No Ministério da Justiça, Juracy fez tanta bobagem, que Castelo o mandou logo para o Ministério do Exterior. Uma tarde, ele chamou

os jornalistas credenciados no Itamarati:

— Tenho uma notícia muito importante, mas off the record. É para vocês ficarem sabendo.

E contou uma crise que estava surgindo entre o Brasil e um país sul-americano. No dia seguinte, o Diário de Notícias dava tudo em manchete. A matéria, escrita por uma repórter estagiária, que tinha ido ao Itamarati pela primeira vez, começava assim:

 O embaixador Juracy Magalhães disse ontem aos jornalistas, off the record, que.

(Ela não sabia que off the record quer dizer confidencial.)

8

Morreu o pai de Rondon Pacheco, a bancada da ARENA mineira reuniu-se em Brasília para fretar um avião e ir ao enterro, em Uberlândia. Geraldo Freire avisou logo:

Eu vou falar no cemitério.

Alguém lembrou:

 Se ficarmos até depois do enterro, vai anoitecer e não dá para voltar no mesmo dia, porque o avião é pequeno e não deve voar à noite.

Mas Geraldo Freire estava indócil:

 Nada disso. Quero falar no cemitério. Preciso dar de público meus pêsames ao Rondon.

Magalhães Pinto deu a fórmula:

— Geraldo, você faz como nas Academias. A gente chega, fica com o Rondon até a saída do enterro. Na hora de o caixão deixar a casa, você

faz o discurso e voltamos para o aeroporto ainda com o dia claro.

Combinado. Só que o avião atrasou. Quando chegaram a Uberlândia, o enterro tinha acabado e Rondon Pacheco e seus auxiliares já estavam no aeroporto, para voarem de volta a Belo Horizonte. Geraldo Freire desceu aflito, encontrou Rondon, fez uma roda empurrando todo mundo com os braços e pediu a palavra. Falou meia hora. Não sobre o pai morto, mas sobre o filho governador. Como no verso de Manuel Bandeira,

"Não pelo pai, mas pelo filho

O filho tem mais precisão".

No caso, a precisão era de Geraldo, caráter sem jaça.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 CEDEM 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28



Quando analisou a Semana de Arte Moderna, em 1942, Mário de Andrade se encontrava em dupla depressão: a guerra e a ditadura o tinham coagido.

Mário de Andrade









Mário de Andrade

A FESTIVA SEMANA DE ARTE MODERNA

Movimento Modernista, cujo cinquentenario ven sendo comemorado entre manifestações de júbilo e de entusiasmo, começa também a sofrer um processo de revisão crítica. Entre os que 1ideram essa iniciativa figuram Lêdo Ivo e Franklin de Oliveira. O primeiro, um dos maiores poetas da chamada geração de 1945, acaba de publicar Modernismo e Modernidade, trabalho em que procura submeter a Semana de Arte Moderna e seus líderes, com toda a repercussão que tiveram a partir de 1922 na vida artística do País, a uma tentativa de desmistificação. Aliás, não é esta a primeira vez que o poeta de Ode e Elegia se preocupa com o assunto. Já em 1952 manifestava seu interesse nesse sentido com Lição de Mário de Andrade. Mais tarde escreveria Epitáfio do Modernismo, onde procura acentuar o divórcio entre a geração de 1922, responsável pela Semana de Arte Moderna, e a outra, aquela que a sucederia, emersa do novo pós-guerra,

Esses dois pronunciamentos de Lêdo Ivo são encontrados hoje em Poesia Observada, onde reuniu alguns de seus melhores ensaios, escritos numa prosa dútil, mordaz e, por vezes, eivada de densa e cálida poesia em suas melhores páginas.

Lêdo Ivo expressou, certa vez, o rompimento estático de sua geração com os modernistas de 1922, no domínio da poética, com esta frase que se tornou famosa: Precisamos fazer uma romaria ao túmulo de

Bitac e logar pedras na janela do Sr. Drummond de Andrac

Franklin de Oliveira, por sua vez, está empenhado, como crítico, em trabalho sério sobre a matéria, adotando posição semelhante ou coincidente com a de Lêdo Ivo. Ainda recentemente, POLITIKA publicou de sua autoria Modernismo e Tenentismo, onde a atitude crítica e revisionista é ali evidente.

Que o Movimento Modernista exige uma análise crítica e objetiva, fora do simples panegírico com que costuma ser saudado, como coisa passada em julgado, não resta dúvida Prova disto temos no testemunho do próprio Mário de Andrade. Dois anos antes de sua morte prematura, o autor de Paulicéia Desvairada, Clã de Jabuti e Macunaíma entre tantas outras obras de poesia, crítica, romance, música e ensaio, pronunciava, por iniciativa do Departamento Cultural da Casa do Estudante do Brasil em fins de Abril de 1942, no Salão de Conferência do Palácio Itamarati, a sua famosa palestra intitulada O Movimento Modernista. Este documento, frequentemente citado, tanto por críticos como por apologistas, é praticamente desconhecido do público interessado, inclusive daquele que frequenta hoje as nossas escolas de letras. Publicado na época e logo esgotado, julgamos de nosso dever reeditá-lo agora, como uma contribuição a mais aos debates que

Quando pronunciou sua famosa conferência, Mário estava sob uma dupla depressão: os anos sofridos da guerra e o prolongado efeito da repressão às

liberdades públicas imposta pela ditadura. Sentia-se coagido, ilhado, quase derrotado. Toda sua vida de artista, de esteta, de erudito, parecia não lhe importar quando tinha diante de si a destruição de obras de arte, os campos de concentração, o pavor e o medo. Tudo isto o leva a transformar a crítica ao Modernismo num libelo contra ele próprio e seus companheiros de jornada. É preciso ver as palavras de Mário de Andrade dentro dessa perspectiva histórica. A guerra e a ditadura ensinaram-lhe muitas coisas, feriram sua sensibilidade, obrigando-o a repensar todo seu passado. Mas, ao fazê-lo, sente-se tocado pelo sentimento de uma amargura profunda. O problema da liberdade transformara-se em sua grande preocupação, o que o leva a voltar-se para as novas gerações.

Mário de Andrade entendia que sua mensagem se esgotara, que o processo do Modernismo, iniciado com o pós-guerra de 1914, estava enĉerrado, que o individualismo, o esteticismo dos anos anteriores devia ceder lugar a outras preocupações. Além do problema da liberdade, que a guerra colocara de maneira violenta à consciência dos povos, sentia-se agora atraído pelo destino da criatura humana, pelo bem-estar das massas, pela luta contra a injustiça e todas as formas de opressão e

Prefaciando, por essa ocasião, o livro de um jovem escritor de então, Otávio de Freitas Júnior, Mário de Andrade diria, com entusiasmo verdadeiramente apostólico, o que não era próprio de natureza tão inclinada à dúvida: Eu afirmo que a mocidade de hoje está de posse duma verdade. Nós todos, mas todos, intelectuais e dirigentes, sabemos que a mocidade que conta agora de vinte a trinta anos, está de posse de uma só verdade. Os que dentre esses moços desconhecem essa verdade, é porque fingem desconhecê-la. E há também muitos, os . . . os outros. São os sujos, que se venderam, colocando-se da banda da contraverdade. Porém eles mesmos, eles tanto como os dignos, gritam pelos olhos, pelas mãos, pelos poros, a existência dessa verdade. E os moços estão querendo exclamar a verdade que vai chegar, mas não podem. A mocidade está engasgada e regouga surdamente. Mas não é por ignorância, por inadvertência ou displicência que a mocidade engasgou. Engasgaram a mocida-

Esse era o estado de espírito de Mário de Andrade quando a morte dele já se aproximava, e a qual tantas vezes pressentira, em testemunho dado em seus versos ou na intimidade das confissões em carta aos amigos. Não lhe sobrou o tempo necessário para ver confirmadas suas esperanças ou sentir na boca mais uma vez o travo amargo da decepção. Sobrou este documento que hoje publicamos, onde tentou, como um ato penoso, iniciar o processo de revisão crítica do Modernismo, do qual foi sem dúvida a figura mais alta e expressiva. Mas suas palavras não devem ser vistas exclusivamente por este ângulo, elas expressam igualmente uma lição e uma advertência às novas gerações, nas quais pensava certamente quando as pronunciou. (Medeiros Lima).

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 CEDEM 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

A FESTIVA
SEMANA DE
ARTE MODERNA

O que importava era poder-se realizar a idéia da Semana, audaciosa e dispendiosa. E só Paulo Prado, sua maior figura, tinha as condições para isto.





Oswald de Andrad

Alí teve início um período

Pouco depois Menotti del Picchia e Osvaldo de Andrade descobriam o escultor Vitor Brecheret, que modorrava em São Paulo numa espécie de exílio, um quarto que lhe tinham dado grátis, no Palácio das Indústrias, para guardar os seus calungas. Brecheret não provinha da Alemanha, como Anita Malfatti, vinha de Roma. Mas também importava escurezas menos latinas, pois fora aluno do célebre Maestrovic. E fazíamos verdadeiras rêveries a galope em frente da simbólica exasperada e estilizações decorativas do gênio. Porque Vitor Brecheret, para nós, era no mínimo um gênio. Este o mínimo com que podíamos nos contentar, tais os entusiasmos a que ele nos sacudia. E Brecheret ia ser em breve o gatilho que faria Paulicéia Desvairada estourar.

Eu passara esse ano de 1920 sem fazer poesia mais. Tinha cadernos e cadernos de coisas parnasianas e algumas timidamente simbolistas, mas tudo acabara por me desagradar. Na minha leitura desarvorada, já conhecia até alguns futuristas de última hora, mas só então descobrira Verhaeren. E fora o deslumbramento. Levado em principal pelas Villes Tentaculaires, concebi imediatamente fazer um livro de poesias modernas, em verso livre, sobre a minha cidade. Tentei, não veio nada que me interessasse. Tentei mais, e nada. Os meses passavam numa angústia, numa insuficiência feroz. Será que a poesia tinha se acabado em mim? . . . E eu me acordava

A isso se ajuntavam dificuldades morais e vitais de vária espécie, foi ano de sofrimento muito. Já ganhava para viver folgado, mas na fúria de saber as coisas que me tomara, o ganho fugia em livros e eu me estrepava em cambalachos financeiros terríveis. Em família, o clima era torvo. Se mãe e irmãos não se amolavam com minhas loucuras, o resto da família me retalhava sem piedade, E com certo prazer até: esse doce prazer familiar de ter um sobrinho ou num primo, um perdido que nos valoriza virtuosamente. Eu tinha discussões brutais, em que os desaforos mútuos não raro chegavam aquele ponto de arrebentação que ... porque será que a arte os provoca? A briga era braba, e se não me abatia em nada, me deixava em ódio, mesmo ódio.

Foi quando Brecheret me concedeu passar em bronze um gesso dele que eu gostava, uma

Só a cidade grande e provinciana que é São Paulo não abortaria a Semana

Cabeça de Cristo, mas com que roupa! eu devia os olhos da cara! Andava às vezes a pé por não ter duzentos réis para bonde, no mesmo dia em que gastara seiscentos mil réis em livros... E seiscentos mil réis era dinheiro então. Não hesitei: fiz mais conchavos financeiros com o mano, e afinal pude desembrulhar em casa a minha Cabeça de Cristo, sensualissimamente feliz. Isso a notícia correu num átimo e a parentada que morava pegado, invadiu a casa para ver. E para brigar. Berravam, berravam. Aquilo era até pecado mortal! estrilava a senhora minha tia velha, matriarca da família. Onde se viu Cristo de trancinha! era feio! medonho! Maria Luisa, vosso filho é um perdido mesmo.

Fiquei alucinado, palavra de honra. Minha vontade era bater. Jantei por dentro, num estado de inimaginável de estraçalho. Depois subi para o meu quarto, era noitinha, na intenção de me arranjar, sair, espairecer um bocado, botar uma bomba no centro do mundo. Me lembro que cheguei à sacada, olhando sem ver o meu largo. Ruídos, luzes, falas abertas subindo dos choferes de aluguel. Eu estava aparentemente calmo, como que indestinado. Não sei o que me deu. Fui até a escrivaninha, abri um caderno, escrevi o tífulo em que jamais pensara, Paulicéia Desvairada. O estouro chegara afinal, depois de quase ano de angústias interrogativas. Entre desgostos, trabalhos urgentes, dívidas, brigas, em pouco mais de uma semana estava jogado no papel um canto bárbaro, duas vezes maior talvez do que isso que o trabalho de arte deu num livro.

Quem teve a idéia da Semana da Arte Moderna? Por mim não sei quem foi, nunca soube, só posso garantir que não fui eu. O movimento, se alastrando aos poucos, já se tornara uma espécie de escandalo público permanente. Já tínhamos lido nossos versos no Rio de Janeiro; e numa leitura principal, em casa de Ronald de Carvalho, onde também estavam Ribeiro Couto e Renato de Almeida, numa atmosfera de simpatia, Paulicéia Desvairada obtinha consentimento de Manuel Bandeira, que em 1919 ensaiara os seus primeiros versos livres, no Carnaval. E eis que Graça Aranha, célebre, trazendo da Europa a sua Estética da Vida, vai a São Paulo, e procura nos conhecer e agrupar em torno da sua filosofia. Nós nos ríamos um bocado da Estética da Vida que ainda atacava certos modernos europeus da nossa admiração, mas aderimos francamente ao mestre. E alguém lançou a idéia de se fazer uma semana de arte moderna, com exposição de artes plásticas, concertos, leituras de livros e conferências explicativas. Foi o próprio Graça Aranha? foi Di Cavalcanti? ... Porém o que importa era poder realizar essa idéia, além de audaciosa, dispendiosíssima. E o fator verdadeiro da Semana de Arte Moderna foi Paulo Prado. E só mesmo uma figura como ele e uma cidade grande mas provinciana como São Paulo poderiam fazer o movimento modernista e objetivá-lo na Semana.

Houve tempo em que se cuidou de transplantar pari o Rio as raízes do movimento, devido às manifestações impressionistas e principalmente pós-simbolistas que existiam então na capital da República. Existiam, é inegável, principalmente nos que mais tarde, sempre mais cuidadosos de eqüilíbrio e espírito construtivo, formaram o grupo da revista Festa. Em São Paulo, esse ambiente estético só fermentava em Guilherme de Almeida e num Di Cavalcanti pastelista, menestrel de tons velados como o apelidei numa dedicatória esdrúxula. Mas eu creio ser um engano esse evolucionismo a todo transe, que lembra nomes de Nestor Vitor ou Adelino Magalhães, como elos precursores. Então seria mais lógico evocar Manuel Bandeira, com seu Carnaval. Mas se soubéramos deste por um



Manoel Bandeira

acaso de livraria e o admirávamos, dos outros, nós, da província, ignorávamos até os nomes, porque os interesses imperialistas da Corte não eram nos mandar humilhados ou luminosas, mas a grande camelote acadêmica, sorriso da sociedade, útil de provinciano gostar.

Não. O modernismo, no Braŝil, foi uma rutura, foi um abandono de princípios e de técnicas consequentes, foi uma revolta contra o que era a Inteligência Nacional) É muito mais exato imaginar que o estado de guerra da Europa tivesse preparado em nós um espírito de guerra eminentemente destruidor. E as modas que revestiram este espírito foram, de início, diretamente importadas da Europa. Quanto a dizerque éramos, os de São Paulo, uns antinacionalistas, uns antitradicionalistas europeizados, creio ser falta de sutileza crítica. É esquecer todo o movimento regionalista aberto justamente em São Paulo e imediatamente antes, pela Revista do Brasil; é esquecer todo o movimento editorial de Monteiro Lobato; é esquecer a arquitetura e até o urbanismo Dubugras neo-colonial, nascidos em São Paulo. Desta ética estávamos impregnados. Menotti del Picchia nos dera Juca Mulato, estudávamos a arte tradicional brasileira e sobre ela escrevíamos; e canta regionalmente a cidade materna o primeiro livro do movimento. Mas o espírito modernista e as suas modas foram diretamente importadas da Europa.

Ora São Paulo estava muito mais ao par que o Rio de Janeiro. E socialmente falando, o modernismo só podia mesmo ser importado por São Paulo e arrebentar na província. Havia uma diferença grande, já agora menos sensível entre Rio e São Paulo. O Rio era muito mais internacional, como norma de vida exterior. Está claro: porto do mar e capital do país, o Rio possui um internacionalismo ingênito. São Paulo era esperitualmente muito mais moderna porém, fruto necessário da economia do café e do industrialismo consequente.

Manifestado especialmente pela arte, mas manchando, também, com violência os costumes sociais e políticos, o movimento modernista foi o prenunciador, o preparador e, por muitas partes, o criador de um estado de espírito nacional. A transformação do mundo com o enfraquecimento gradativo dos grandes impérios, com a prática européia de novos ideais políti-

cos, a rapidez dos transportes e mil e uma outras causas internacionais bem como o desenvolvimento da consciência americana e brasileira, os progressos internos da técnica e da educação, impunham a criação de um espírito novo e exigiam a reverificação e mesmo a remodelação da Inteligência Nacional. Isto foi o movimento modernista, de que a Semana de Arte Moderna ficou sendo o brado coletivo principal. Há um mérito inegável nisto, embora aqueles primeiros modernistas... das cavernas, que nos reunimos em torno da pintora Anita Malfatti e do escultor Vitor Brecheret, tenhamos como que apenas servido de altofalantes de uma força universal e nacional muito mais complexa que nós. Força fatal, que viria mesmo. Já um crítico de senso-comum afirmou que tudo quanto fez o movimento modernista, far-se-ia da mesma forma sem o movimento. Não conheço lapalissada mais graciosa. Porque tudo isso que se faria, mesmo sem o movimento modernista, seria pura e simplesmente... o movimento modernista, seria pura e simplesmente... o movimento modernista.

Fazem vinte anos que realizou-se, no Teatro Municipal de São Paulo, a Semana da Arte Moderna. É todo um passado agradável, que não ficou nada feio, mas que me assombra um pouco também. Como tive a coragem para participar daquela batalha! É certo que com minhas experiências artísticas muito que venho escandalizando a intelectualidade do meu país, porém expostas em livros e artigos, como que essas experiências mão se realizam in anima nobile. Não estou de corpo presente, e isto abranda o choque da estupidez. Mas como tive coragem pra dizer versos diante duma vaia tão bulhenta que eu não escutava no palco o que Paulo Prado me gritava da primeira fila das poltronas? . . . Como pude fazer uma conferência sobre artes plásticas, na escadaria do Teatro, cercado de anônimos que me caçoavam e ofendiam a valer? . . .

O meu mérito de participante é mérito alheio: fui encorajado, fui enceguecido pelo entusiasmo dos outros. Apesar da confiança absolutamente firme que eu tinha na estética renovadora, mais que confiança, fé verdadeira, cu não teria forças nem físicas nem morais para arrostar aquela tempestade de achincalhes. E se aguentei o tranco, foi porque estava delirando. O entusiasmo dos outros me embebedava, não o meu. Por mim, teria cedido. Digo que teria cedido, mas apenas nessa apresentação espetacular que foi a Semana da Arte Moderna. Com ou sem ela, minha vida intelectual seria o que tem sido.

A semana marca uma data, isso é inegável. Mas o certo é que a pré-consciência primeiro, e em seguida a conviçção de uma arte nova, de um espírito novo, desde pelo menos seis anos viera se definindo no . . . Sentimento de um grupinho de intelectuais paulistas. De primeiro foi um fenômeno estritamente sentimental, uma intuição divinatória, um . . . estado de poesia Com efeito: educados na plástica histórica, sabendo quando muito da existência dos improssionistas principais, ignorando Cézanne, o que nos levou a aderir incondicionalmente à exposição de Anita Malfatti, que em plena guerra vinha nos mostrar quadros expressionistas e cubistas? Parece absurdo, mas aqueles quadros foram a revelação. E ilhados na enchente de escândalo que tomara a cidade, nós, três ou quatro, delirávamos de êxtase diante de quadros que se chamavam o Homem Amarelo, a Estudante Russa, a Mulher de Cabelos Verdes. E a esse mesmo Homem Amarelo de forma parnasianíssima . . . Éramos assim.



 $\mathsf{cm}\ 1\ 2\ 3\ 4\ 5\ 6\ 7\ 8\ 9\ 10\ 11\ 12\ 13$



Ora, no Rio malicioso, uma exposição como a de Anita Malfatti podia dar reações publicitárias, mas ninguém se deixava levar a sério.

A FESTIVA
SEMANA DE
ARTE MODERNA

A burguesia carioca não podia encampar a Semana, pois nunca soube perder e é exatamemente isto que a perde

Caipira de serra-acima, conservando até agora o espírito provinciano servil,, bem denunciado pela sua política, São Paulo estava ao mesmo tempo, pela sua atualidade comercial e sua industrialização, em contato mais espiritual e mais técnico com a atualidade do mundo.

É mesmo de assombrar como o Rio mantém, dentro da sua malícia vibrátil de cidade internacional, úma espécie de ruralismo, um caráter parado fradicional muito maiores que São Paulo O Rio é dessas cidades em que não só permanece indissolúvel o exotismo nacional, o que aliás é prova da vitalidade do seu caráter, mas a interpenetração do rural com o urbano. Coisa já impossível de se perceber em São Paulo. Como Belém, o Recife, a Cidade de Salvador: o Rio ainda é uma cidade folclórica. Em São Paulo o exotismo folclórico não freqüenta a Rua Quinze, que nem os sambas que

nascem nas caixas de fósforo do Bar Nacional.
Ora, no Rio malicioso, uma exposição como a de Anita Malfatti podia dar reações publicitárias, mas ninguém se deixava levar. Na São Paulo sem malícia, criou uma religião Com seus Neros também. O artigo contra do pintor Monteiro Lobato, embora fosse um chorrilho de tolices, sacudiu uma população, modificou uma vida.

Junto disso, o movimento modernista era nitidamente aristocrático. Pelo seu caráter de jogo arriscado, pelo seu espírito aventureiro ato extremo, pelo seu internacionalismo modernista, pelo seu nacionalismo embrabecido, pela sua

gratuidade antipopular, pelo seu dogmatismo preponderante, era uma aristocracia do espírito. Bem natur i, pois que a alta e a pequena burguesia o temessem. Paulo Prado, ao mesmo tempo que um dos expoentes da aristocracia intelectual paulista, era uma das figuras principais da nossa aristocracia tradicional. Não da aristocracia improvisada do Império, mas da outra mais antiga, justificada no trabalho secular da terra e oriunda de qualquer salteador europeu, que o critério monárquico do Deus-Rei já amancebara com a genealogia. E foi por tudo isto que Paulo Prado pôde medir bem o que havia de aventureiro e de exercício do perigo, no movimento, e arriscar a sua responsabilidade intelectual e tradicional na aventura.

Uma coisa dessas seria impossível no Rio, onde não existe aristrocacia tradicional, mas apenas alta burguesia riquíssima. esta não podia encampar um movimento que lhe destruia o espírito conservador e conformista. A

burguesia nunca soube perder, e isso é que a perde. Se Paulo Prado, com a sua autoridader intelectual e tradicional tomou a peito a realização da Semana, abriu a lista das contribuições e arrastou atrás de si os seus pares aristocratas e mais alguns que a sua figura dominava, a burguesia protestou e vaiou. (Tanto a burguesia de classe como a do espírito) E foi no meio da mais tremenda assuada, dos maiores insultos que a Semana de Arte Moderna abriu a segunda fase do movimento modernista, o período real-

Porque na verdade o período. . heróico, fora esse anterior iniciado com a exposição de pintura de Anita Malfatti e terminado na Festa da Semana de Arte Moderna. Durante essa meiadúzia de anos fomos realmente puros e livres, desinteressados vivendo numa união iluminada e sentimental das mais sublimes. Isolados do

mundo ambiente, caçoados, evitados, achincalhados, maiditos, ninguém pode imaginar o delirio ingenuo de grandeza e convencimento pessoal com que reagimos. O estado de exaltação em que vivíamos era incontrolável. Qualquer página de qualquer um de nós jogava os outros a comoções prodigiosas, mas aquilo era genial!

E eram aquelas fugas desabaladas dentro da noite, no cadillaç verde de Osvaldo de Andrade, a meu ver a figura mais característica e dinâmica do movimento, para ir ler as nossas obras-primas em Santos, no Alto da Serra, na Ilha das Palmas...e os encontros à tardinha, em que ficávamos em exposição diante de algum raríssi-

mo admirador, na redação de Papel e Tinta... E a falange engrossando com Sérgio Milliet e Rubens Borba de Morais, chegados sabidíssimos da Europa... É nós tocávamos com respeito religioso, esses pêregrinos confortáveis que tinham visto Picasso e conversado com Romain Rolland... E a adesão, no Rio, de um Alvaro Moreyra, de um Ronald de Carvalho... E o descobrimento assombrado de que existiam em São Paulo muitos quadros de Lasar Segall, já muito admirado através das revistas alemãs... Tudo gênios, tudo obras-primas geniais... Apenas Sérgio Milliet punha um certo mal-estar no incêndio, com a sua serenidade

equilibrada... E o filósofo da malta, Couto de Barros, pingando ilhas de consciência em nós, quando no meio da discussão, em geral limitada a bate-bocas de afirmações peremptórias perguntava mansinho: Mas qual é o critério que você tem da palavra essencial? ou: Mas qual é o conceito que você tem do belo horríval?

conceito que você tem do belo horrível? . . . Éramos uns puros. Mesmo cercados de repulsa cotidiana, a saúde mental de quase todos nós, nos impedia qualquer cultivo da dor. Nisso talvez as teorias futuristas tivessem uma influência única e benéfica sobre nós Ninguém pensava em sacrifício, ninguém bancava o incompreendido, nenhum se imaginava precursor nem mártir eramos uma arrancada de heróis convencidos. E muito saudáveis.

A Semana de Arte Moderna, ao mesmo tempo que coroamento lógico dessa arrancada gloriosamente vivida (desculpem, mas, éramos gloriosos de antemão...), a Semana de Arte Moderna dava um primeiro golpe na pureza do nosso aristocracismo espiritual. Consagrado o movimento pela aristocracia paulista se ainda sofreríamos algum tempo ataques por vezes cruéis, a nobreza regional nos dava mão forte e... nos dissolvia nos favores da vida Está claro que não agia de caso pensado, e se nos dissolvia era pela própria natureza e o seu estado de decadência. Numa fase em que ela não tinha mais nenhuma realidade vital, como certos reis de agora, a nobreza rural paulista só podia nos transmitir a sua gratuidade. Principiou-se o movimento dos salões. E vivemos uns oito anos, até perto de 1930, na maior orgia intelectual que a história artística do País registra

Mas na intriga burguesa escandalizadíssima, a

nossa orgia não era apenas intelectual... O que não disseram, o que não se contou das nossas festas. Champanha com éter, vícios inventadíssimos, as almofadas viraram coxins, criaram toda uma semântica do maldizer... No entanto, quando não foram bailes públicos (que foram o que são bailes desenvol-

tos de alta sociedade), as nossas festas dos salões modernistas eram as mais inocentes brincadeiras de artistas que se pode imaginar.

Havia a reunião das terças, à noite, na Rua Lopes Chaves. Primeira em data, essa reunião semanal continha exclusivamente artistas e precedeu mesmo a Semana de Arte Moderna. Sob o ponto de vista intelectual foi o mais útil dos salões, se é que se podia chamar salão àquilo. Às vezes doze, até quinze artistas, se reuniam no estúdio acanhado onde se comia doces tradicionais brasileiros e se bebia um alcoolzinho econômico. A arte moderna era assunto obrigatório e o intelectualismo tão intransigente e desumano que chegou mesmo a ser proibido falar mal da vida alheia! As discussões alcançavam transes agudos, o calor era tamanho que um ou outro sentava nas janelas (não havia assento pra to-

dos) e assim mais elevado dominava pela altura, já que não dominava pela voz nem o argumento. E aquele raro retardatário da alvorada parava defronte, na esperança de alguma briga por gozar.

Havia o salão da avenida Higienópolis que era o mais selecionado. Tinha por pretexto o almoço dominical, maravilha de comida luso-brasileira Ainda aí a conversa era estritamente intelectual, mas variava mais e se alargava. Paulo Prado, com o seu pessimismo fecundo e o seu realismo, convertia sempre o assunto das livres

Reuniões nos salões paulistas

elocubrações artísticas aos problemas da realidade brasileira. Foi o salão que durou mais tempo e se dissolveu de maneira bem malestarenta. O seu chefe, tornando-se por sucessão o patriarca da família Prado, a casa foi invadida, mesmo aos domingos, por um público da alta que não podia compartilhar do rojão dos nossos assuntos. E a conversa se manchava de pôquer casos de sociedade, corridas de cavalo, dinheiro. Os intelectuais vencidos foram se retirado.

Os intelectuais, vencidos, foram se retirando. E houve o salão da Rua Duque de Caxias,

que foi o maior, o mais verdadeiramente salão. As reuniões semanais eram a tarde, também as terças-feiras. E isso foi a causa das reuniões noturnas do mesmo dia irem esmorecendo na rua Lopes Chaves. A sociedade da Rua Duque de Caxias era mais numerosa e variegada. Só em certas festas especiais, no salão moderno, construído nos jardins do solar e decorado por Lasar Segall, o grupo se tornava mais coeso. Também aí o culto da tradição era firme, dentro do modernismo. A cozinha, de cunho afro-brasileiro, aparecia em almoços e jantares perfeitíssimos de composição. E conto entre as minhas

maiores venturas admirar essa mulher excepcional, que foi Dona Olívia Guedes Penteado. A sua discrição, o tato e a autoridade prodigiosas com que ela soube dirigir, corrigir essa multidão heterogenea que se chegava a ela, atraída pelo seu prestígio, artistas, políticos, ricaços, cabotinos, foi incomparável. O seu salão, que também durou vários anos, teve como elemento principal de dissolução a efervescencia que estava preparando 1930. A fundação do Partido De-

mocrático, o ânimo político eruptivo que se apoderara de muitos intelectuais, sacudindo-os para os extremismos de direita ou esquerda, baixara um mal-estar sobre as reuniões. Os democráticos foram se afastando. Por outro lado, o integralismo encontrava algumas simpatias entre as pessoas da roda: e ainda estava muito sem vício, muito desinteressado, pra aceitar acomodações. Sem nenhuma publicidade, mas com firmeza, Dona Olívia Guedes Penteado soube terminar aos poucos o seu salão modernista.

O último em data, desses salões paulistas foi o da alameda Barão de Piracicaba, congregado em torno da pintora Tarsila. Não tinha dia fixo, mas as festas eram quase semanais. Durou pouco. E não teve jamais o encanto das reuniões

que fazíamos antes, quatro ou cinco artistas, no antigo ateliê da admirável pintora. Isto foi pouco depois da Semana, quando fixada na compreensão da burguesia, a existência de uma onda revolucionária, ela principiou nos castigando com a perda de alguns empregos Alguns estávamos quase literalmente sem trabalho. Então íamos para o ateliê da pintora, brincar de arte, dias inteiros. Mas dos três salões aristocráticos, Tarsila conseguiu dar ao dela uma significação de maior independência, de comodidade. Nos outros dois, por maior que fosse o liberalismo dos que os dirigiam, havia tal imponência de riqueza e tradição no ambiente, que não era possível nunca evitar um tal ou qual constrangimento. No de Tarsila jamais sentimos isso. O

mais gostoso dos nossos salões aristocráticos.

E foi da proteção desses salões que se alastrou pelo Brasil o espírito destruidor do movimento modernista. Isto é, o seu sentido verda-

deiramente específico. Porque, embora lançando inúmeros processos e idéias novas, o movimento modernista foi essencialmente destruidor. Afé destruidor de nós mesmos, porque o pragmatismo das pesquisas sempre enfraqueceu a liberdade da criação. Essa a verdade verdadeira. Enquanto nós, os modernistas de São Paulo, tínhamos incontestavelmente uma repercussão nacional, éramos os bodes expiatórios dos passadistas, mas ao mesmo tempo o Senhor do Bonfim dos novos do País todo, os outros modernos de então, que já pretendiam construir, formavam núcleos respeitáveis, não tem dúvida, mas de existência limitada e sem verdadeiramente nenhum sentido temporâneo. Assim Plínio Salgado que, vivendo em São Paulo, era posto de parte e nunca pisou os salões. Graça Aranha também, que sonhava construir, se atra-

palhava muito entre nós; e nos assombrava a incompreensão ingênua com que a gente séria do grupo de Festa, tomava a sério as nossas blagues e arremetia contra nós Não. O nosso sentido era especificamente destruidor. A aristocracia tradicional nos deu mão forte, pondo em evidência mais essa geminação de destino—também ela já então autograficamente destruidora, por não ter mais uma significação legitimável. Quanto aos aristôs do dinheiro, esses nos odiavam no princípio e sempre nos olharam com desconfiança. Nenhum salão de ricaço tivemos, nenhum milionário estrangeiro nos colheu. Os italianos, alemães, os israelitas se faziam de mais guardadores do bom-senso nacional que Prados, Penteados e Amarais,



 $cm \ 1 \ 2 \ 3 \ 4 \ 5 \ 6 \ 7 \ 8 \ 9 \ 10 \ 11 \ 12 \ 13$

A FESTIVA
SEMANA DE
ARTE MODERNA

Os modernistas reconheceram logo que, se vivíamos nossa realidade, carecia verificar os instrumentos de trabalho. Criou-se a língua brasileira.

am

POLITIKA 519 kultura



Portinari

A língua brasileira era o fim

que nos vestira...Porque, com efeito, o que se observa, o que caracteriza essa radicação na terra, num grupo numeroso de gente modernista de uma assustadora adaptabilidade política, palradores de definições nacionais, sociólogos otimistas, o que os caracteriza é um conformismo legítimo, disfarçado e mal disfarçado nos melhores, mas na verdade cheio de uma cínica satisfação (A radicação na terra, gritada em doutrinas e manifestos, não passava de um conformismo acomodatício) Menos que radicação, uma cantoria ensurdecedora, bastante acadêmica, que não raro tornou-se um porque-meiano larvar. A verdadeira consciência da terra levava fatalmente ao não-conformismo e ao protesto, como Paulo Prado com o Retrato do Brasil e os vasqueiros anjos do Partido Democrático e do Integralismo. E 1930 vai ser também um protesto! Mas para um número vasto de modernistas, o Brasil se tornou uma dádiva do céu.

Um céu bastante governamental... Graça Aranha, sempre desacomodado em nosso meio que ele não podia sentir bem, tornou-se o exegeta desse nacionalismo conformista, com aquela frase detestável de não sermos a câmara mortuária de Portugal.) Quem pensava nisso! Pelo contrário: o que ficou dito foi que não nos incomodava nada coincidir com Portugal, pois o importante era a desistência do confronto e das liberdades falsas. Então nos xingaram de primitivistas/

O estandarte mais colorido dessa radicação à pátria foi a pesquisa da língua brasileira. Mas foi talvez boato falso. Na verdade, apesar das aparências e da bulha que fazem agora certas santidades de última hora, nós estamos ainda atualmente tão escravos da gramática lusa como qualquer português. Não há dúvida nenhuma que nós hoje sentimos e pensamos o quantum satis brasileiramente. Digo isto até com certa malinconia, amigo Macunaíma, meu irmão. Mas isso não é o bastante para identificar a nossa expressão verbal, muito embora a realidade brasileira, mesmo psicológica, seja agora mais forte e insolúvel que nos tempos de José de Alencar ou de Machado de Assis. E como negar que estes também pensavam brasileiramente? Como negar que no estilo de Machado de Assis, luso pelo ideal, intervém um quid familiar que o diferença verticalmente de um Garret e um Ortigão? Mas se nos românticos, em Álvares de Azevedo, Alencar, Macedo, Castro Alves, há uma identidade brasileira que nos parece bem maior que a de Brás Cubas ou Bilac, é porque nos românticos chegou-se a um esquecimento da gramática portuguesa, que permitiu muito maior colaboração entre o ser psicológico e sua expressão verbal.

O espírito modernista reconheceu que se vivíamos já de nossa realidade brasileira, carecia reverificar nosso instrumento de trabalho para que nos expressássemos com identidade, Inventou-se do dia para noite a fabulosíssima língua brasileira. Mas ainda era cedo; e a força dos elementos contrários, principalmente a ausência de órgãos científicos adequados, reduziu tudo a manifestações, individuais. E hoje, como normalidade de língua culta e escrita, estamos em situação inferior à de cem anos atrás (A ignorância pessoal de vários fez com que se anunciasem em suas primeiras obras, como padrões excelentes de brasileirismo estilístico) Era ainda o mesmo caso dos românticos; não se tratava da-

Era grande a atividade recreativa

Mas nós estávamos longe, arrebatados pelos ventos da destruição. E a fazíamos ou preparávamos especialmente pela festa, de que a Semana de Arte Moderna fora a primeira. Todo esse tempo destruidor do movimento modernista foi para nós tempo de festa, de cultivo imoderado do prazer. E se tamanha festança diminuiu por certo nossa capacidade de produção e serenida de criadora, ninguém pode imaginar como nos divertimos) Salões, festivais, bailes célebres, sermanas passadas em grupo nas fazendas opulentas, semanas-santas pelas cidades velhas de Minas, viagens pelo Amazonas, pelo Nordeste, chegadas à Bahia, passeios constantes ao passado paulista, Sorocaba, Paranaíba, Itu. Era ainda o caso do baile sobre os vulcões. Doutrinários, na ebriez de mil e uma teorias, salvando o Brasil, inventando o mundo, na verdade tudo consumíamos, e a nós mesmos, no cultivo amargo, quase delirante, do prazer.

O movimento de Inteligência que representamos, na sua fase verdadeiramente modernista, não foi o fator das mudanças político-sociais posteriores a ele no Brasil. Foi essencialmente um preparador; o criador de um estado-de-espírito revolucionário e de um sentimento de arrebentação. E se numerosos dos intelectuais do movimento se dissolveram na política, se vários de nós participamos das reuniões iniciais do Partido Democrático, carece não esquecer que tanto este como 1930 eram ainda destruição. Os movimentos espirituais precedem sempre as mudanças de ordem social. O movimento social de destruição é que principiou com o P.D. de 1930. É, no entanto, é justo por esta data de 1930, que principia para a Inteligência Brasileira uma fase mais calma, mais modesta e quotituana, mais proletária, por assim dizer, de construção. À espera que um dia as outras formas sociais a imitem.

E foi a vez do salão de Tarsila se acabar. Mil novecentos e trinta. Tudo estourava, políticas, famílias, casais de artistas, estéticas, amizades profundas O sentido destrutivo e festeiro do movimento modernista já não tinha mais razão-de-ser cumprido o seu destino legítimo. Na rua, o povo amotinado gritava: Getúlio! Getúlio! Na sombra, Plínio Salgado pintava de verde a sua megalomania de Esperado. No norte, atingindo de salto as nuvens mais desesperadas, outro avião abria asas do terreno incerto da bagaceira. Outros abriam mas eram as veias pra manchar de encarnado as suas quatro paredes de segredo. Mas nesse vulcão, agora ativo e de tantas esperanças, já vinham se fortificando as belas figuras mais nítidas e construidoras, os Lins do Rego, os Augusto Frederico Schmidt, os Otávio de Faria e os Portinari e os Camargo Guarnieri. Que a vida terá que imitar qualquer dia.

Não cabe neste discurso de caráter polêmico o processo analítico do movimento modernista. Embora se integrassem nele tiguras e grupos preocupados de contruir, o espírito modernista que avassalou o Brasil, que deu o sentido histórico da Inteligência Nacional desse período foi destruido. Mas esta destruição, não apenas continha todos os germes da atualidade, como era uma convulsão profundíssima da realidade brasileira. O que caracteriza esta realidade que o movimento modernista impôs, é, a meu ver, a fusão de três princípios fundamentais: O direito permanente à pesquisa estérica; a atualização da inteligência artística brasileira; e a estabilização de uma consciência criadora necional.



Augusto Frederico

Não havia exatamente a inovação

Nada disso representa exatamente uma inovação e de tudo encontramos exemplos na história artística do país. A novidade fundamental, imposta pelo movimento, foi a conjugação dessas três normas num todo orgânico da consciência coletiva. E se, dantes, nós distinguimos a estabilização assombrosa de uma consciência nacional num Gregório de Matos, ou, mais natural e eficiente, num Castro Alves, é certo que a nacionalidade deste, como a nacionalistiquice do outro, e o nacionalismo de um Carlos Gomes, e até mesmo de um Almeida Júnior, eram episódicos como realidade do espírito. E em qualquer caso, sempre um individualismo.

Quanto ao direito de pesquisa estética e atualização universal da criação artística, é incontestável que todos os movimentos históricos das nossas artes (menos o Romantismo que comentarei adiante) sempre se basearam no academismo. Com alguma exceção individual rara, e sem a menor repercussão coletiva, os artistas brasileiros jogaram sempre colonialmente no certo. Repetindo e afeiçoando estéticas já consagradas, se eliminava assim o direito de pesquisa, e conseqüentemente de atualidade E foi dentro desse academismo inclutável que se realizaram nossos maiores, um Aleijadinho, um Costa Ataíde, Cláudio Manuel, Gonçalves Dias, Gonzaga, José Maurício, Neponuceno, Aluísio. E até mesmo um Álvares de Azevedo, até mesmo um Alphonsus de Guimaraens.

Ora o nosso individualismo entorpecente se esperdiçava no mais desprezível dos lemas modernistas, Não há escolas!, e isso terá por certo prejudicado muito a eficiência criadora do movimento. E se não prejudicou a sua ação espiritual sobre o país, é porque o espírito paira sempre acima dos preceitos como das próprias idéias . . Já é tempo de observar, não o que um Augusto Meyer, um Tasso da Silveira e um Carlos Drummond de Andrade têm de diferente, mas o que têm de igual. É o que nos igualava, por cima dos nossos despartérios individualistas, era justamente a organicidade de um espírito atualizado, que pesquisava já irrestntamente radicado à sua entidade coletiva nacional. Não apenas acomodado à terra, mas gostos mente radicado em sua realidade. O que não se deu sem alguma patriotice e muita falsificação.

Nisto as orelhas burguesas se alardearam refartas por debaixo da anstocrática pele do leão

Interesses econômicos predominam

ma superação da lei portuga, mas duma ignorância dela. Mas assim que alguns desses prosadores de firmaram pelo valor pessoal admirável que possuíam (me refiro à geração de 30), principiaram as veleidades de escrever certinho. É é cômico observar que hoje, em alguns dos nossos mais fortes estilistas, surgem a cada passo, dentro duma expressão já intensamente brasileira, lusitanismos sintáxicos ridículos. Tão ridículos es tornam verdadeiros erros de gramátical Noutros, esse reaportuguesamento expressional ainda é mais precário: querem ser lidos alémmar, e surgiu o problema econômico de serem comprados em Portugal. Enquanto isso, a melhor intelectualidade lusa, numa liberdade esplêndida, aceitava abertamente os mais exagerados de nós, compreensiva, sadia, mão na mão

Teve também os que desaconselhados pela preguiça, resolveram se despreocupar do problema. São os que empregam anglicismos e galicismos dos mais abusivos, mas repudiam qualquer me parece por artificiais! Outros, mais cômicos ainda, dividiram o problema em dois: nos seus textos escrevem gramaticalmente, mas permitem que seus personagens, falando, errem o português. Assim, a culpa não é do escritor, é dos personagens! GOra, não há solução mais incongruente em súa aparência conciliatória. Não só põe em foco o problema do erro de português, como estabelece um divórcio inapelável entre a língua falada e a língua escrita bobagem bêbada para quem souber um naco de filologia. É tem ainda as garças brancas do individualismo que, embora reconhecendo a legitimidade da língua nacional, se recusam a colocar brasileiramente um pronome, para não ficarem parecendo com Fulano! Estes ensimesmados esquecem que o problema é coletivo e que, se adotado por muitos, muitos ficavam se parecendo com Brasil.

A tudo isso se ajuntava quase decisório o interesse econômico de revistas, jornais e editores que intimidados com alguma carta rara de leitor gramatiquento ameaçando não comprar, se opõem a pesquisa linguística e chegam ao desplante de corrigir artigos assinados. Mas, morto metropolitano Pedro II, quem nunca respeitou a inteligência neste país!





O mais feiticeiro dos mitos. sem dúvida, o de se escrever naturalmente, era, embora de forma inconsciente, a grande desonestidade do modernismo.

A FESTIVA SEMANA DE ARTE MODERNA

A lingua escrita é artificial

Tudo isto, no entanto, era sempre estar com o problema na mesa. A desistência grande foi criarem o mito do escrever naturalmente, não tem dúvida, o mais feiticeiro dos mitos. No fundo, embora não consciente e desonrosa, era fundo, embora não consciente e desonrosa, era uma desonestidade como qualquer outra. E a maioria, sob o pretexto de escrever naturalmente (incongruência, pois a língua escrita, embora lógica e derivada, é sempre artificial) se chafurdou na mais antilógica e antinatural das escritas. São uma lástima. Nenhum deles deixará de falar naturalmente um Está se vendo ou Me deixe. Mas para escrever... com naturalidade, até inventam os socorros angustiados das conjunções, para se socorros angustiados das conjunções, para se saírem com um E se está vendo que salva a pátria da retoriquice. É é uma delícia constatar que se afirmam escrever brasileiro, não tem uma delícia constatar que se afirmam escrever brasileiro, não tem uma constatar que se afirmam escrever brasileiro, não tem uma constatar que se acual de la constatar que se acual que se ac só frase deles que qualquer luso não assinasse com integridade nacional . : lusa Se identificam àquele deputado mandando fazer uma lei que chamava de língua brasileira à língua nacional. Pronto: estava resolvdio o problema! Mas, como incontestavelmente sentem e pensam com nacionalidade, isto é, numa entidade ameríndio-afro-luso-latino-americano-anglo-franco-etc..., o resultado é essa linguagem ersatz em que se desamparam triste moxinifada moluscóide sem vigor nem caráter.

Não me refiro a ninguém não, me refiro a centenas. Me refiro justamente aos honestos, aos que sabem escrever e possuem tácnica. São eles que provam a inexistência duma língua brasileira, e que a colocação do mito no campo das pesquisas modernistas foi quase tão prematura como no tempo de José de Alencar. E se os chamei de inconscientemente desonestos é porque a arte, como a ciência, como o proletariado não trata apenas de adquirir o bom instrumento de trabalho, mas impõe a sua constante reverificação. O operário não compra a foice apenas, tem de afiá-la dia por dia. O médico não fica no diploma, o renova dia por dia no estudo. Será que a arte nos exime deste diarismo profissional? basta criar o despudor da naturalidade, da sinceridade le ressonar à sombra do deus novo Saber escrever está muito bem; não é mérito, é dever primário. Mas, o problema verdadeiro do artista não é esse: é escrever melhor Toda a história do profissionalismo humano o prova. Ficar no aprendido não é ser natural: é ser acadêmico: não é despreocupação: é acadêmico: passadismo

A pesquisa era ingente por demais. Cabia aos filósofos brasileiros, já criminosos de tão vexatórias reformas ortográficas patrioteiras, o trabalho honesto de fornecer aos artistas uma codificação das tendências e constâncias da expressão lingüística nacional (Mas, eles recuam diante do trabalho útil, é tão mais fácil ler os clássicos) Preferem a ciencinha de explicar um erro de copista, imaginando uma palavra inexistente no latim vulgar Os mais avançados vão até aceitar timidamente que iniciar a frase com pronome oblíquo não é mais erro no Brasil. Mas confessam não escrever. . . isso, pois não seriam sinceros com o que beberam no leite materno. Beberam des-hormônios! Bolas para

os filólogos! Caberia aqui também o repúdio dos que pesquisaram sobre a língua escrita nacional. Preocupados pragmaticamente em ostentar o problema, praticaram tais exageros de tornar para sempre odiosa a língua brasileira) Eu sei: talvez neste caso ninguem vença o escritor destas linhas. Em primeiro lugar, escritor destas linhas, com alguma faringite, vai passando bern, muito obrigado. Mas é certo que jamais exigiu the reguissem os brasileirismos violentos. Se os praticou (um tempo) foi na otenção de pôr em angústia aguda uma pesquisa que julgava fundamental. Mas,











Viana Moog

O que se conseguiu foi a descentralização intelectual. Que não era muito.

o problema primeiro não é acintosamente vocabular, é sintáxico. E afirmo que o Brasil hoje possui, não apenas regionais, mas generalizadas no País, numerosas tendências e constâncias sintáxicas que lhe dão natureza característica à lingüística. Mas, isso decerto ficará para outro movimento modernista, amigo José de Alencar,

Mas, como radicação da nossa cultura artística à entidadex Mas como radicação da nossa cultura artística à entidade lingüística se torne falha grave. Como expressão nacional, é quase linguística se torne falha grave. Como expressão nacional, é quase incrível o avanço enorme dado pela música e mesmo pela pintura bem como o processo do Homo brasileiro realizado pelos nossos romancistas e ensaístas atuais. Espiritualmente o progresso mais curioso e fecundo é o esquecimento do amadorismo nacionalista e do segmentarismo regional. atitude do espírito se transformou radicalmente e talvez nem os moços de agora possam compreender essa mudança. Tomados ao acaso, romances como os de Emil Fahrat, Fran Martins ou Telmo Vergara, há vinte anos atrás seriam classificados como literatura regionalista, com todo o exotismo e o insolúvel do característico. Hoje quem sente mais isso? A atitude curiosa, mas a de uma participação sem teoria nacionalista, uma participação curiosa mas a de uma participação sem teoria nacionalista uma participação pura e simples, não dirigida, espontânea.

É que realizamos essa conquista magnífica da descentralização intelectual, hoje em contraste aberrante com outras manifestações sociais do país. Hoje a Corte, o fulgor das duas cidades brasileiras de mais de um milhão, não tem menhum sentido intelectual que não seja meramente estatístico. Pelo menos quanto à literatura, única das artes que já alcançou estabilidade normal no País. As outras são demasiado disperidiosas para se normalizarem numa terra de tão interrogativa riquesa pública como a nossa. O movimento modernista, pondo em relevo e sistematizando uma cultura nacional, exigiu da Inteligência estar a par do que se passava nas numerosas Cataguazes. E se cidades de primeira grandeza fornecem facilitações publicitárias sempre especialmente estatísticas, impossível ao brasileiro nacionalmente culto, ignorar um Érico Veríssimo, um Ciro dos Anjos, um Camargo Guarnieri, nacionalmente gloriosos do canto das suas provincias. Basta comparar tais criadores com fenômenos já históricos mas idênticos, um Alphonsus de Guimaraens, um Amadeu Amaral e os regionalistas imediatamente anteriores a nós, para verificar a convulsão fundamental do

problema. Conhecer um Alcides Maia, um Carvalho Ramos, um Teles Júnior era, nos brasileiros de há vinte anos, um fato individualista de maior ou menor civilização. Conhecer um Guilhermino Cesar, um Vianna Moog ou Olívio Montenegro, hoje é uma exigência de cultura. Dantess, esta exigência estava relegada aos historiadores.

A prática principal desta descentralização da Inteligência se fixou no movimento nacional das editoras provincianas. E se ainda vemos o de uma grande editora, como a Livraria José Olímpio, obedecer à atração da mariposa pela chama, indo se apadrinhar com o prestígio por isto mesmo ele se torna mais comprobatório. Porque o fato da Livraria José Olímpio ter cultamente publicado escritores de todo o País, não a caracteriza. Nisto apenas ela se iguala às outras editoras também cultas de província, uma Globo, uma Nacional, a Martins, a Guaíra. O que exatamente caracteriza a editora da rua do Ouvidor — umbigo do Brasil como diria Paulo Prado — é ter se tornado, por assim dizer, o órgão oficial das oscilações ideológicas do País, publicando tanto a dialética integralista como a política do Sr. Francisco Campos

Quanto à conquista do direito permanente de pesquisa estética, creio não ser possível qualquer contradição: é a vitória grande do movimento no campo da arte. E o mais característico é que o antiacademicismo das gerações posteriores à Semana de Arte Moderna, se fixou exatamente naquela lei estético-técnica do fazer-melhor, a que aludi, e não como um abusivo instinto de revolta, destruidor em princípio, como foi o do movimento modernista. Talvez seja o atual, realmente primeiro movimento independência da Inteligência brasileira, que a gente possa ter como legítimo e indiscutível. Já agora com todas as probavilidades de permanência. Até o Parnasianismo, até o Simbolismo, até o Impressionismo inicial, de um Villa-Lobos, o Brasil jamais pesquisou (como consciência coletiva, entenda-se), nos campos da criação estética. Não só importávamos técnicas e estéticas como só as importávamos depois de certa estabilização na Europa, e a maioria das vezes já academizadas. Era ainda um completo fenômeno de colônia, imposto pela nossa escravização econômico-social. Pior que isso: esse espírito acadêmico não tendia para nenhuma libertação e para uma expressão própria. E se um Bilac da Via Láctea é maior que todo o Lecomte,

culpa não é de Bilac. Pois o que ele almejava era mesmo ser parnasiano, senhora Serena Forma.

Essa normalização do espírito de pesquisa estética, antiacadêmica, porém não mais revoltada e destruidora, a meu ver, é a maior manifestação de independência e de estabilidade nacional que já conquistou a Inteligência Brasileira. E como os movimentos do espírito precedem as manifestações das outras formas da sociedade, é fácil de perceber a mesma tendência de liberdade e conquista de expressão própria, tanto na imposição do verso-livre antes de 30, como na Marcha para o Oeste posterior a 30, tanto na Bagaceira, no Estrangeiro na Negra Fulô anteriores a 30, como no caso da Itabira e a nacionalização das indústrias pesadas, posteriores a 30.

Eu sei que ainda existem espíritos coloniais (é tão fácil a erudição!) só preocupados em demonstrar que sabem mundo a fundo, que nas paredes de Portinari só enxergam os murais de Rivera, no atonalismo de Francisco Mignone só percebem Schoemberg, ou no Ciclo da Cana-de-Açúcar, o roman-fleuve dos Cana-de-Açúcar,

O problema não é complexo, mas seria longo discuti-lo aqui. Me limitarei a propor o dado principal. Nós tivemos no Brasil um movimento espiritual (não falo apenas escola de arte) que foi absolutamente necessário: o Romantismo. Insisto: não me refiro apenas ao romantismo literário, tão acadêmico como a importação inicial do modernismo artístico, e que se poderá comodamente datar de Domingos José Gonçalves de Magalhães, como o nosso do expressionismo de Anita Malfatti. Me refiro ao expressionismo de Anita Malfatti. romântico, que está na Inconfidência, no Basilio da Gama do Uruguai nas liras de Gonzaga como nas Cartas Chilenas de quem os senhores quiserem. Este espírito preparou o estado revolucionário de que resultou independência política, e teve como padrão bem briguento a primeira tentativa de língua brasileira. O espírito revolucionário modernista, tão necessário como o romântico, preparou o estado revolucionário de 30 em diante, e também teve como padrão barulhento segunda tentativa de nacionalização linguagem.) A similaridade é muito forte.



10 18 19 20 21 22 23 24 26 cm11

A FESTIVA SEMANA DE ARTE MODERNA As obras dos modernistas são a antiquada ausência do real que ia dentro de cada um. Ao notar isto, Mário de Andrade passou da criação à crítica.



Os modernistas da Semana de Arte Moderna não devem servir de exemplo para ninguém. Eles são uma lição

Esta necessidade espiritual, que ultrapassa a literatura estética, é que diferença fundamental-mente Romantismo e Modernismo das outras escolas de arte brasileiras. Estas foram todas es-sencialmente acadêmicas, obediências culturalissencialmente academicas, obediencias culturans-tas que denunciavam muito bem o colonialismo da Inteligência Nacional. Nada mais absurda-mente imitativo (pois se nem era imitação, era escravidão) que a cópia, no Brasil, de movimen-tos estéticos particulares, que de forma alguma eram universais, como o culteranismo (talo-ibérico setecentista, como o Parnasianismo, como o Simbolismo, como o Impressionismo, ou como o Wagnerismo de um Leopoldo Miguez. São superfectações culturalistas, impostas de cima para baixo, de proprietário a propriedade, sem o menor fundamento nas forças populares. Daí uma base desumana, prepotente e, meu Deus! arianizante que, se prova o imperialismo dos que com ela dominavam, prova a sujeição dos que com ela eram dominados. Ora aquela base humana e popular das pesquisas estéticas é fací-limo encontrar no Romantismo, que chegou mesmo a retornar coletivamente às fontes do povo e, a bem dizer, criou a ciência do folclore. E mesmo sem lembrar folclore, no verso-livre, no cubismo, no atonalismo, no predomínio do ritmo, no super-realismo mítico, no expressio-nismo, iremos encontrar essas mesmas bases populares e humanas. E até primitivas, com a arte negra que influiu na invenção e na temática cu-bista. Assim como o cultíssimo roman-fleuve e bista. Assim como o cultissimo roman-fleuve e os ciclos com que um Otávio de Faria processa a decrepitude da burguesia, ainda são instintos e formas funcionalmente populares, que encontramos nas mitologias ciclicas, nas sagas e nos Kalevalas e Nibelungos de todos os povos. Já um ator escreveu, como conclusão condenatória, que a estética do Modernismo ficou indefinível... Pois essa é a melhor razão-de-ser do Modernismo! Ele não era uma estética, nem na Europa, nem aquí. Era um estado de espírito Europa, nem aquí. Era um estado de espírito revoltado e revolucionário que, se a nós nos atualizou, sistematizando como constância da Intealizou, sistematizando como constancia da inteligência Nacional e o direito anti-acadêmico da
pesquisa estética e preparou o estado revolucionário das outras manifestações sociais do país,
também fez isto mesmo no resto do mundo,
profetizando estas guerras de que uma civilização E hoje o artista brasileiro tem diante de si
uma verdade social, uma liberdade (infelismente
só estética), uma independência, um direito às
suas inquietações e pesquisas que, não tendo
passado pelo que passaram os modernistas da passado pelo que passaram os modernistas da Semana, ele nem pode imaginar que conquista enorme representa. Quem se revolta mais, quem briga mais contra o politonalismo de um Lourenço Fernandes, contra a arquitetura do Minis-tério da Educação, contra os versos incompreensiveis de um Murilo Mendes, contra o perso-nalismo de um Guignard? ... Tudo isto são hoje manifestações normais, discutíveis sempre, mas que não causam o menor escândalo públicol Pelo contrário, são os próprios elementos governamentais que aceitam a realidade de um Lins do Rego, de um Vila Lobos, de um Almir de Andrade, pondo-os em cheque e no perigo da predestinação. Mas um Flávio de Carvalho, mesmo com as suas experiências numeradas, e muito menos um Clovis Graciano, mas um Ca-margo Guarnieri mesmo em luta com a incompreensão que o persegue, um Otavio de Faria com a asperesa dos casos que expõe, um Santa Rosa, jamais não poderão suspeitar o a que nos sujeitamos, para que eles pudessem viver hoje abertamente o drama que os dignifica. A vaia acesa, o insulto público, a carta anônima, a perseguição financeira... Mas recordar é quase exigir simpatiale estou a mil léguas disto.

E me cabe finalmente falar sobre a que cha

E me cabe finalmente falar sobre o que chamei de atualização da inteligência artística brasileira. Com efeito: não se deve confundir isso com a liberdade da pesquisa estética, pois esta lida com formas, com a técnica e as representa-

cões da beleza, ao passo que a arte é muito mais larga e complexa que isso, e tem uma funcionalidade imediata social, é uma profissão e uma força interessada da vida. A prova mais evidente desta distinção é o

famoso problema do assunto em arte, no qual tantos escritores e filósofos se emaranham. Ora não há dúvida nenhuma que o assunto não tem a menor importância para a inteligência estética. Chega mesmo a não existir para ela. Mas a inteligência estética se manifesta por intermédio de uma expressão interessada da sociedade, que é a arte. Esta é que tem uma função humana imediatista e maior que a criação hedonística da beleza. E dentro dessa funcionalidade humana da arte é que o assunto adquire um valor pri-mordial e representa uma mensagem imprescindível Ora, como atualização da inteligência artística é que o movimento modernista representou papel contraditório e muitas vezes gravemente precário.

Atuais, atualíssimos, universais, originais mesmo por vezes em nossa pesquisa e criação, nós, os participantes do período melhormente chamado modernista, (fomos, com algumas exceções nada convincentes, vítimas do nosso prazer, da vida e da festança em que nos desvirilizados. mos. Se tudo mudávamos em nós, uma coisa nos esquecemos de mudar: a atitude interessada diante da vida contemporánea. E isto era o principal! Mas aqui meu pensamento se torna tão delicadamente confissional, que terminarei este discurso falando mais diretamente de mim. Que se reconheçam no que eu vou dizer os que o

Não tenho a mínima reserva em afirmar que toda a minha obra representa uma dedicação feliz a problemas do meu tempo e minha terral Ajudei coisas, maquinei coisas, fiz coisas, muita coisa! È no eptanto me sobra agora a sentença de que fiz muito pouco, porque todos os meus feitos derivaram duma ilusão vasta. E eu que sempre me pensei, me senti mesmo sadiamente banhado de amor humano, chego no declínio da vida à convicção de que faltou humanidade em mim.rMeu aristocracismo me puniu. Minhas interções me enganaram.

intenções me enganeram. Vitima do me individualismo, procuro em vão nas minhas obras, e também nas de muitos companheiros, uma paixão mais temporânea, uma dor mais viril da vida. Não tem. Tem mas é uma antiquada ausencia de realidade em muitos de nós, estou repisando o que já disse a um moço ... E outra coisa, senão o respeito que tenho pelo destino dos mais novos se fazendo, não me levaria a esta confissão bastante cruel, de perceber em quase toda a minha obra a insunao me levaria a esta contrissa basinate critario, de perceber em quase toda a minha obra a insuficiência do abstencionismo. Prancos, dirigidos, muitos de nós demos às nossas obras uma caducidade de combate. Estava certo, em princípio. O engano é que nos pusemos combatendo lencois superficiais de fantasmas. Deveríamos ter inundado a caducidade utilitaria do nosso discurso, de maior angústia do tempo, de maior revolta contra a vida como está. Em vez: fomos quebrar vidros de janelas, discutir modas de passeio, ou cutucar os valores eternos, ou saciar nossa curiosidade na cultura E se agora percorro a minha obra já numerosa e que representa uma vida trabalhada, não me vejo uma só vez pegar a máscara do tempo e esbofeteá-lo como ela mercee Quando muito lhe fiz de longe umas caretas) Mas isto, a mim, não me satisfaz. Não me imagino político de ação. Mas nós

estamos vivendo uma idade política do homem, e a isso eu tinha que servir. Mas em síntese, eu só me percebo, feito um Amador Bueno qualquer, falando não quero e me isentando da atualidade por detrás das portas contemplativas de um convento Também não me desejaria es-crevendo páginas explosivas, brigando a pau por ideologias e ganhando os louros fáceis de um xilindrol Tudo isso não sou eu nem é para mim. Mas estou convencido de que devíamos ter-nos



Otávio de Farias

A vida é que é coisa importante

transformado de especulativos em especuladores. Há sempre jeito de escorregar num ângulo de visão, numa escolha de valores, no embaçado duma lágrima que avolumem ainda mais o insu-portável das condições atuais do mundo. Não. Viramos abstencionistas abstêmios e transcedentes. Mas por isso mesmo que fui sinceríssimo, que desejei ser fecundo e joguei lealmente com todas as minhas cartas à vista, alcanço agora esta consciência de que fomos bastante inatuais Vaidade, tudo vaidade . . . Tudo o que eu fiz

foi especialmente uma cilada da minha felicidade pessoal e da festa em que vivemos. É aliás o que, com decepção açucarada, nos explica históricamente Nós éramos os filhos finais de uma civilização que se acabou, e é sabido que o cultivo delirante do prazer individual represa as forcas dos homens sempre que uma idade morre E já mostrei que o movimento modernista foi destruidor. Muitos, porém, ultrapassamos essa fase destruidora, não nos deixamos ficar no seu espírito e igualamos nosso passo, embora um bocado turtuveante, ao das gerações mais novas. Mas apesar das sinceras intenções boas que dirigiram minha obra e a deformaram muito, na verdade, será que não terei passeado apenas, ne ilu-dindo de existir? . . . L certo que eu me sentia responsabilizado pelas fraquezas e desgraças dos homens, e certo que pretendi regar minha obra de orvalhos mais generosos, sujá-la nas impurezas da dor, sair do limbo ne trista ne lieta da minha felicidade pessoal. Mas pelo próprio exer-cício da felicidade, mas pela própria altivez sensualíssima do individualismo, não me era mais possível renegá-los como um erro, embora eu chegue um pouco tarde à convicção de sua mes-

chegue um pouco tarde a convicção de sua mesquinhez.

A úmica observação que pode trazer alguma complacência para o que eu fui é que eu estava enganado. Julgava sinceramente cuidar mais da vida e de mim. Deformei, ninguém não imagina quanto, a minha obra — o que não quer dizer que se não fizesse isso, ela fosse melhor... Abandonei, traição consciente, a ficção em favor de um homem-de-estudo que fundamentalmente não sou. Mas é que eu decidira impregnar tudo quanto fazia de um valor utilitário, um valor prático da vida, que fôsse alguma coisa mais terrestre que ficção, prazer estético, a belemais terrestre que ficção, prazer estético, a bele-

Mas eis que chego a este paradoxo irrespirávei: fendo deformado toda a minha obra por um antiindividualismo dirigido e voluntarioso, toda a minha obra não é mais que um hiperindividualismo implacável) E é melancólico chegar

vidualismo implacável! E é melancólico chegar assim no crepúsculo, sem contar com a solidariedade de si mesmo. Eu não posso estar satisfeito de mim. O meu passado não é mais meu companheiro. Eu desconfio do meu passado. Mudar? Acrescentar? Mas como esquecer que estou na rampa dos cinqüenta anos e que os meus gestos agora já são todos ... memórias musculares? ..., Ex omnibus bonis quae homini tribuit natura, nullun melius esse tempestiva morte ... O terrível é que talvez ainda nos seja mais acertada a discrição, a virarmos por aí cacoeteiros de atualidade, macaqueando as atuais aparencias do mundo. Aparências que levarão o homem por certo a maior perfeição de sua vida. Me recuso a imaginar na inutilidade das tragédias contemporâneas. O Homo Imbecidis acabará entregando os pontos à grandeza do dis acabará entregando os pontos à grandeza do seu destino.

Eu creio que os modernistas da Semana de Arte Moderna não devemos servir de exemplo a ninguém, mas podemos servir de lição. O homem atravessa uma fase integralmente política da humanidade. Nunca jamais ele foi tão momentâneo como agora. Os abstencionismos e os valores eternos podem ficar para depois. E apesar da nossa qualidade, da nossa nacionalidade, da nossa universalidade, uma coisa não ajudada nossa universalidade, uma coisa não ajuda-mos verdadeiramente, numa coisa não participa-mos: o melhoramento político-social do homem. E esta é a essência mesma da nossa idade. Se de alguma coisa pode valer o meu desgos-to, a insatisfação que eu me causo, que os outros não sentem assim na beira do caminho, espiando a multidão passar] Façam ou se recusem a fazer arte, ciências, ofício. Mas não fiquem apenas nisto, espiões da vida, camultados e téc-

Aos espiões nunca foi necessária essa liberda-de pela qual tanto se grita. Nos periodos de maior escravização do individuo, Grécia, Egito, artes e ciências não deixaram de florescer. Será que a liberdade é uma bobagem? ... Será que o direito é uma bobagem? ... A vida humana é que é alguma coisa a mais que ciências, artes e profissões) É é nessa vida que a liberdade tem um sentido, e o direito dos homens. A liberdade não é um prêmio, é uma sanção Que há de vir.

nicos de vida, espiando a multidão passar. Marchem com as multidões.

10 18 19 20 23 24 26 cm



O drama dos juticultores tem como causa a falta, absoluta, de condições para o plantio. Falta desde a fixação de uma política até preços mínimos.

Mário Antônio

Juta, as razões de ser de uma importação



Foto de "A Noticia", de Manaus

Ao contrário da previsão inicial de 50 mil toneladas de juta em 1972, calculase que a produção não ultrapassará a marca das dezoito mil toneladas, insuficiente para satisfazer às nec sidades de matéria-prima das indústrias , a fiação e tecelagem instaladas no Amazonas. Para impedir a paralisação das fábricas, serão importadas dez mil toneladas de juta do Paquistão ou da Índia e duas mil toneladas de malva, sucedâneo da juta, do Pará. O Executivo amazonense - cujo chefe è um sergipano, com a maioria absoluta do Secretariado vindo de outros Estados - atribui a principal causa da crise da juta às enchentes periódicas do siste-

Os estudiosos amazonenses do problema contestam que as cheias são um fenômeno cíclico, e, portanto, previsível, com influência determinante apenas se o nível da enchente se aproximasse ou ultrapassasse o de 1953 — o maior. Os críticos da tese oficial proclamam que o governo, por desconhecer o problema, desvia-se das verdadeiras causas da crise e superestima aspectos secundários.

Na verdade, está ocorrendo completa falta de motivação econômica para que o produtor direto da fibra se dedique ao plantio. Uma das princípais reivindicações do juticultor é o estabelecimento, em tempo adequado, do preço mínimo da juta, que é uma tentativa de aproximar da cotação internacional do produto o seu valor de troca no Amazonas.

Acontece que, quando se define o preço mínimo, já o juticultor comprometeu, antecipadamente, a sua produção a algum intermediário ou indústria de fiação e tecelagem, a preços do ano anterior. A alta da cotação do produto, que normalmente ocorre com a decretação do preço mínimo do ano, não beneficia o produtor. Além do mais, outros métodos são utilizados para aviltar o preço da juta. Em 1970, por exemplo, a safra se encerrou com o quilo do produto in natura custando 1,25 cruzeiro. Veio 1971 e logo de início a Brasiljuta, indústria de fiação e tecelagem, lançou o

preço de 50 centavos o quilo, independente do preco mínimo.

Em vez de obter maiores lucros pelo aumento da produtividade, o empresariado do setor procura aumentar sua margem de ganhos, diminuindo o valor absoluto do pagamento do quilo da juta.

Essa mentalidade extrativista — primeiro se extrai da terra, depois do homem — contribui decisivamente para que se verifique no Amazonas e êxodo do interior para a capital do Estado ou sedes distritais dos municípios mais adiantados. Nos arredores de Itacoatiara, a segunda cidade amazonense, improvisa-se favela com milhares de juticultores arruinados e suas famílias.

Indefeso, abandonado à própria sorte, o homem do interior, produtor da juta, vem abandonando sistematicamente os seus recantos, despovoando a principal área da estratégia de integração nacional. Sem condições de fixar o interiorano, não se pode esperar dele que se deixe morrer à míngua ou se submeta, ad pinfinitum. A resistência do juticultor pode ser considerada passiva: a emigração.

Outros setores defendem a tese de que a distribuição de sementes determina a produção da juta. Daí se dar especial importância à sementeira de Alenquer, no Pará. Uma comissão de juticultores do município amazonense de Manacapuru declarou à imprensa de Manaus 'as sementes distribuídas pelo governo não foram plantadas. Tão logo havia distribuição, o motor saía do porto, os juticultores as lançavam na água. O preço não estava fixado e com isso caiu a produção". Acrescente-se que, se motivado; o juticultor pode facilmente reservar parte da produção, como semente para o plantio do ano seguinte.

Como outras formas ou processos colaterais de espoliação do juticultor que são utilizadas, o estão despindo de todos os seus instrumentos de defesa. Por exemplo, denúncias oriundas de Manaca-

puru dão conta de que a prensa da juta da cooperativa do município, responsável por pequeno valor agregado — a prensagem — foi comprada por fábrica interessada em tolher ao máximo a capacidade do produtor direto de conseguir um mínimo de benefícios e independên-

- 1) Sobrevive ainda o sistema do barracão herdado dos seringais. O barracão é um posto de venda, único local de abastecimento, cujas mercadorias são vendidas a preços elevadíssimos e de qualidade nem sempre recomendável. Às vezes os gêneros alimentícios estão deteriorados
- 2) Os instrumentos de pesagem da juta não são, geralmente, de honestidade verificável, tendo já sido registradas inúmeras denúncias de fraude.
- 3) Cobra-se, também a chamada taxa de umidade, ou seja, 2 % sobre o valor da produção entregue pelo juticultor, por se supor que contenha umidade. Nos casos reais fiscalizados, o aumento de peso não atinge 5%.

O preco do produto manufaturado está em 5,50 cruzeiros o quilo. Ora, como não há muita complexidade na criação de valor agregado à juta em estado bruto, deduz-se que a margem de lucros das indústrias de fiação e tecelagem é altíssima.

Para 1972, previa-se elevada cotação da juta no mercado internacional, posto que seu maior produtor mundial, o Paquistão, fora devastado, em 1971, por ciclones, enchentes inesperadas, guerra civil, intervenção armada pela Índia e desmembramento territorial. Esperava-se que o Amazonas se favorecesse da situação. Ao inverso, importará dez mil toneladas de juta.

O juticultor optou pela marginalização crescente nos centros urbanos ao perecimento pela fome. Não há juta porque

não há braços. Não há braços porque ninguém gosta de ser espoliado a vida inteira

Embora não se possa considerar a informação definitiva, a juta importada não deverá chegar a Manaus por menos de 13 cruzeiros o quilo, in natura enquanto se ofereceu, em 1972, ao juticultor local, apenas 1,30 cruzeiro o quilo.

Pressionados por setores do governo federal, os responsáveis pelas indústrias de fiação e tecelagem chegaram a oferecer 2 cruzeiros pelo quilo da produção excedente; mero engodo, porque já não havia excedentes. Se as dez mil toneladas de juta importadas chegarem ao Amazonas pelo preço indicado, a média do custo da matéria-prima obrigará à redução do percentual de lucro das fábricas ou à elevação do preço do produto manufaturado.

Limitada à simples distribuição de sementes ou às lamentações pelas enchentes, a participação governamental se anula. Exige-se, imprescindivelmente, o aumento da produtividade; todavia, não menos imprescindível é explodir a atual estrutura social de exploração do juteiro, repartindo com ele maior quinhão da riqueza que por ele foi criada: a juta.

O Banco do Estado do Amazonas pode intervir, com sucesso, para garantir o pagamento do preço mínimo, evitando que a produção de juta se aniquile em poucos anos.

A outra opção, como se assinalou, é o fim da participação da juta na economia amazonense. Enfatize-se: apenas o governo poderá salvá-la. Se tiver coragem. Muita coragem. Ou um mínimo de interesse.

m 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 (EDEM) 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28

A Editoria

WALTER DE SOUZA E MELO (Rua dos Timbiras, 364 – São Paulo – SP) – "Vocês, sem uma razão lógica, deixaram de publicar matérias sobre os problemas ligados aos trabalhadores. Eu, na qualidade de dirigente de um sindicato em São Paulo, tenho inúmeros estudos e trabalhos que poderiam ser utilizados na feitura de uma matéria quente sobre como morrem, diariamente, de fome os trabalhadores brasileiros, mercê de salários que, francamente, não dão nem para sobreviver mais."

Olha Walter, a gente sabe destas coisas. Claro que a gente sabe. Mas o que acontece é que existem razões mais fortes que a própria razão e, no fim das contas, ninguém é de ferro. De qualquer maneira, mande o material que você tem. É sempre bom a gente ter, em mãos, algo para estudar e, futuramente, publicar.



Brasil, harmonia estabelecida

JOÃO DA SILVA (Mannhattan - New York - EUA) - "Tenho acompanhado minuciosamente o esforço que este jornal faz para restabelecer uma significação adequada ao que ocorre no Brasil atualmente. É desnecessário sublinhar a importância do acesso a informações essenciais, quando se trata de restabelecer a verdade da vida política, econômica e cultural. Isto é tanto mais certo no Brasil atual, onde se vive num clima de harmonia estabelecida, que esconde a existência de interesses contraditórios e a luta constante entre os interessados. O jornal não precisa ser louvado, sua importância é evidente. Por outro lado, parece-me que uma crítica pode ser útil. Faço, assim, alguns comentários, na qualidade de leitor: (1) o jornal necessita de uma linha editorial determinada e coerente, sob pena de confundir o leitor e, com isso, ajudar à ideologia dominante (que tem como um dos seus tracos característicos a tentativa de dissolver as diferenças entre pontos-de-vista opostos). Se esta limitação deriva de problemas com a censura, do conflito de opiniões da Editoria ou de uma perplexidade frente aos acontecimentos, isto é algo que cabe aos responsáveis pelo jornal julgar. Apenas aponto o fato de que o semanário pode acabar servindo a interesses contrários aos seus; (2) existe uma certa tendencia ao sensacionalismo (que talvez seja uma tática diversiva, não sei), presente, por exemplo, em reportagens sobre o nazismo. isto me parece uma perda de espaço; (3) creio que seria extremamente importante procurar apresentar análises rigorosas dos vários processos de mudança

que estão ocorrendo no

Brasil. Em alguma medida

isto já vem sendo feito, por exemplo, com a transcrição de certas análises de Maria da Conceição Tavares, Otávio Ianni, Cândido Mendes etc... Isto poderia ser completado com a publicação de relatórios do Banco Mundial, Cepal etc. Quanto às publicações já feitas, a única referência que tenho a fazer é que, muitas vezes, os autores são citados parcialmente e fora do contexto original. Além disso, creio que se poderia dedicar uma página (quem saba com tipos menores) para a publicação pormenorizada deste tipo de material. Na medida em que o material fosse resultado de uma pesquisa científica, poderia servir como documentação (no momento inexistente) para o estudo da sociedade brasileira depois de 1964. Ainda uma sugestão: uma entrevista com Fernando Henrique Cardoso (ou, quem sabe, Paulo Singer, Hélio Jaguaribe etc). Me parece absolutamente necessário revalorizar os cientistas sociais (com o que o jornal concorda, obviamente). De resto, o jornal está bem e, o que é mais importante, preenche um espaço que, vazio, seria insuportável. É isso. Um grande abraço e boa sorte."

João, por sua carta, a gente pôde perceber que você tem vivência, em termos jornalísticos. Em consequência, as críticas revestem-se, é óbvio, de maior força e valia. Mas, por outro turno, você há de compreender todos os problemas que enfrentamos. Não há, propriamente uma incoerência na linha editorial do jornal. O que existe, de fato, é que abrimos mão do direito de dizer somente aquilo que nos parece correto. E del xamos que outros companheiros se manifestem, mesmo que suas opiniões omflitem com as noscas.

Há, no tocante ao sensacionalismo, uma razão superóbvia de ser. E você sabe qual é. É quanto às análises, temos feito o que é possível. Mas artigos desta natureza custam muito caro e não temos como investir tanto, mesmo porque vivemos quase exclusivamente da venda, o que você sabe é um bocado duro. No mais, um abraço e a esperança de um novo encontro, com outras sugestões.

CLÓRIS AUGUSTA OLIVEIRA DA SILVA (rua General Silva Pessoa, 32 - Tijuca - Rio GB) - "Aproveito a excelente acolhida que o korreio me deu e volto, hoje, para agradecer, muito lá do fundo, a publicação de meu desabafo no número 35 e que, sem falsos pudores, foi um sucesso aqui em casa, junto à torcida doméstica. Foi, como diria a antológica Leila Diniz, a glória! Gostaria que soubessem, também, que tenho recebido cartas de solidariedade, gente que diz que pensa como eu e que, por um motivo ou outro, não havia pensado na possibilidade de bronquear. Recebi uma até certo ponto assutadora. Até certo ponto, nada: totalmente assutadora! Contava de pessoas combatentes que serão eliminadas sem julgamento até agora (sic), etc e tal. Fui tomada de um pavor medular. A tal carta, com suas acusações, me queimava as mãos e eu me desfiz dela. Agora me arrependo! quem sabe POLITIKA gostaria de lêla? Mas houve as amenas. Soube, por exemplo, que minha carta serviu de motivo para debate em aula de ginásio do Rio Comprido. Vocês me deram oportunidade de viver uma e eu só posso dizer, mais uma vez, muito obrigada. Pela telerancia e compreensão, pela resposta de vocês tão cheia de sinceridade e pelo convite para que voltasse. Agora sei que existe uma pequena parcela que não se acomoda. Isto é bom".

Ora, dona Clóris, por quem sois . . . O que a gente fez foi, simplesmente, dar acolhida a uma carta inteligente e cheia de razões. No mais, cartas como as que a senhora recebeu a gente tem aos montes, pois o pessoal sempre ameaça, sempre alerta e sempre conta coisas inexistentes. Mas isto é assim mesmo. Desabafe outra vez, a gente está aqui mesmo.

te está aqui mesmo. SOUZA NETO (rua Gervásio Pires, 356 - apto 103 - Boa Vista:a - Recife - PE) - "Creio não precisar elogiar o POLITIKA. Muitos já o fizeram. Desde os treze anos, sempre fui ligado na leitura de jornais. Todavia, desde algum tempo, me divorciei de tal prática, devido à mediocridade em que está inserida a nossa imprensa. O POLITIKA foi o único jornal, há muito, que conseguiu me devolver ao velho hábito de ler coisas sérias e bem elaboradas. Como universitário, me preocupo bastante com todos os problemas que atingem à sociedade brasileira. E posso garantir que o seu jornal é o retrato fiel de nossa época, de nossos costumes e, mais importante, dos anseios de nosso povo. Gostaria de receber, para completar minha coleção, os números de 1 a 18 e os 27, 31 e 35. Expliquem as condições para que eu os pague'

Infelizmente, Souza Neto, os números 9 e 10 estão esgotados. Assim, seguiram apenas os restantes. Para que você pague, mande um cheque, em nome da Editora Tora Ltda, no valor dos exemplares recebidos. Um abraço e obrigado pelo fato de o termos devolvido à leitura.

FRANKLIN VAGNER

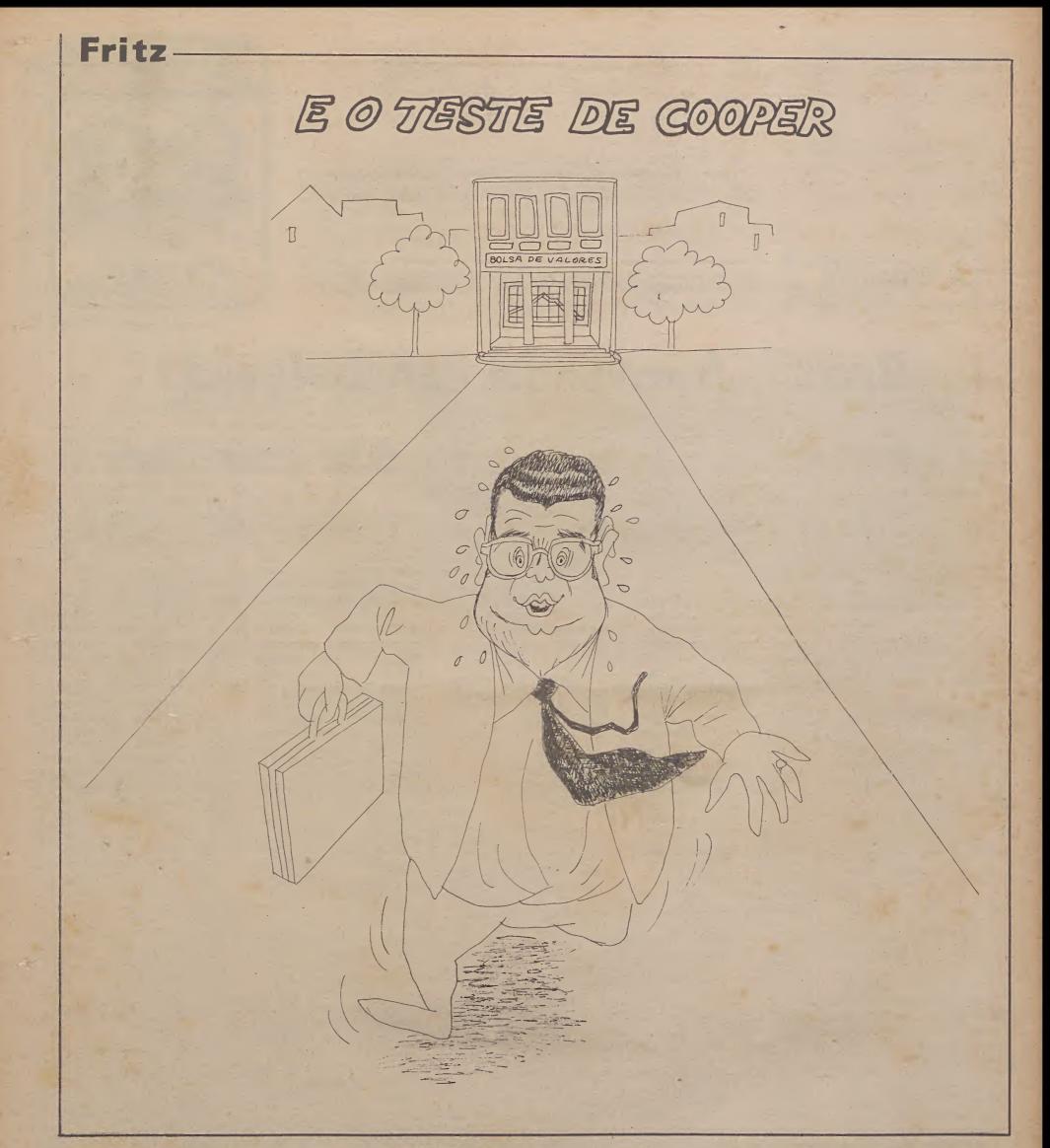
(Caixa Postal 87 - Ponta Grossa - PR) - "Li, recentemente, um número de POLITIKA e gostei muito do conteúdo e da maneira sincera e objetiva de como são tratados os assuntos. Lamento não ter conhecido antes tão importante publicação. Vejo que vocês atendem pedidos de números atrasados. Peco que me enviem, desde o 1o. até o 34. Do 35 em diante já os comprei. Insisto que me enviem pelo reembolso Postal, mas se não der, mandem como acharem melhor."

Olha, Franklin, pudemos mandar os números perdidos, com exceção do 9 e 10, pois estão esgotados. Mas não seguiram pelo reembolso, foram pelo correio. E você deve mandar um cheque, em nome da Editora Tora Ltda., quando receber os jornais.

MÁRIO SÉRGIO NU-NES (diretor do Diretório Acadêmico Professor José Leão Nunes - Universidade Federal do Espírito Santo — Vitória — ES) — "Desde o nascimento de POLITIKA até a presente data temos acompanhado com crescente admiração sua evolução e contribuição para a formação de uma imprensa séria é, sobretudo, honesta em nosso País. Apesar de toda nossa admiração por este jornal, nosso departamento cultural não possui condições financeiras suficientes para a assinatura, o que viria, em muito, auxiliar na formação intelectual e política de nossos colegas e também na nossa evolução cultural. Assim sendo, solicitamos a inclusão do nome de nosso diretório na lista de assinaturas graciosas deste órgão de imprensa."

Está bem, Mário Sérgio, o Enéas manda avisar que já deu ordem para vocês receberem, semanalmente, o jornal.

 $\mathsf{cm}\ 1\ 2\ 3\ 4\ 5\ 6\ 7\ 8\ 9\ 10\ 11\ 12\ 13$



POLITIKA

(EDITORA TORA LTDA)

Presidente: Philomena Gebran Diretor: Sebastião Nery Conselho Editorial: Oliveira Bastos, Gerardo Mello Mourão, Medeiros Lima, Paschoal Carlos Magno. Gerente: Enéas Resque Editores: Jorge França, Mury Lydia Arte: Antônio Calegari Ilustração: Luis Fonseca Humor: Fritz, Calicut

Correspondentes: Murilo Marroquim (Brasília), Villela Neto (Paris)

Direção e Redação: Av. Rio Branco, 133, gr. 1601 Tel. 232-1981 — Rio — GB

Assinaturas): Epitácio Caó
Ponto Promoções Ltda — Rua Alvaro
Alvim, 21, gr. 205
Tel. 232-7821 — Rio — GB
São Paulo: Paulo Pereira — Rua das Flores, 27, gr. 25 Tel. 33-4210
Brasília: Itabaiana de Moura — Av. W-3
(Setor Comercial) — Ed. Sonia, 4º andar.
Tels. 24-5376 e 24-7376
Fortaleza: Dário Macedo — Av. Duque de
Caxias, 823, gr. 301 — Tel. 21-7046

Porto Alegre: Rui Silva de Carvalho — Rua Miguel Tostes, 924, gr. 101 Tel. 23-1754 Fotos: Tribuna da Imprensa, O Cruzeiro e O Jornal

Distribuição (exclusiva em todo o Brasil: Fernando Chinaglia Distribuidora S/A — Rua Teodoro da Silva, 907 (Grajaú) Rio — GB

Composição e impressão: máquinas eletrônicas IBM da Gráfica Editora Jornal do Commercio — Rio — GB